



1290000068



FE

LUCIMEIRE de CARVALHO

TCC/UNICAMP C253e

***ESTUDO REFERENTE às POSSÍVEIS
INFLUÊNCIAS da PROGRAMAÇÃO
TELEVISIVA em CRIANÇAS
em IDADE PRÉ - ESCOLAR***

**Campinas
1997**

M
C253e
489/FE

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Lucimeire de Carvalho

***ESTUDO REFERENTE às POSSÍVEIS
INFLUÊNCIAS da PROGRAMAÇÃO
TELEVISIVA em CRIANÇAS
em IDADE PRÉ - ESCOLAR***

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como exigência parcial para obtenção da Graduação em Pedagogia - Habilitação em Magistério das Séries Iniciais do 1º grau; Educação Pré-Escolar e Administração Escolar - pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Profª Drª Ana Luiza Bustamante Smolka.

Campinas
Julho/1997

UNIDADE... F.E.
 N° CHAMADA:
 TCC/UNICAMP
 C253e
 V:.....
 TOMBO: 68
 PROC: 1100
 C:..... D: X
 PREÇO: 11,00
 DATA: 30/10/07
 N° CPD: 310518

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
 DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

C253e

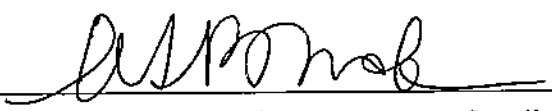
Carvalho, Lucimeire de.

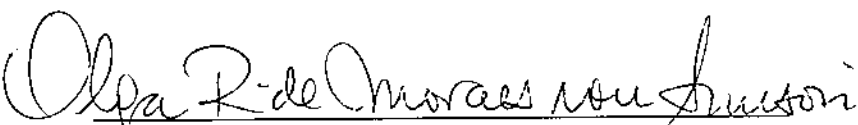
Estudo referente às possíveis influências da programação televisiva em crianças em idade pré-escolar / Lucimeire de Carvalho. -- Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador: Ana Luiza Bustamante Smolka.

Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação pré-escolar. 2. Comunicação de massa. 3. Televisão e crianças. 4. Imaginação. 5. Violência. I. Smolka, Ana Luiza Bustamante. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.


Orientadora: Profª Drª Ana Luiza Bustamante Smolka


Segunda Leitora: Profª Drª Olga R. M. von Simson


Aluna: Lucimeire de Carvalho

*Dedico este trabalho a todos que participaram e contribuíram
na sua execução, bem como a todos que de uma forma
ou de outra serão beneficiados por ele.*

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Ana Luiza pela atenção e pelo carinho dedicados tanto na realização deste trabalho como ao longo da graduação.

À Luciene e às crianças meu agradecimento e meu afeto.

Meninas, valeu! Valeu toda alegria e stress compartilhados. Parabéns a todas formandas: sobrevivemos à Unicamp! Parabéns às mães!

Aos funcionários da FE meu respeito e admiração.

Aos professores da FE meu muito obrigada pelos caminhos e conhecimentos construídos e compartilhados ao longo do processo.

Nana e Wagnão valeu a força!

Boni obrigada por tudo.

Neu, Gô, Lelly, Tchã e Fer, obrigada pelo apoio e amor sempre. Amo todos vocês, o Mike também.

Obrigada a Deus pela vida.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
INTRODUÇÃO	02
AMPLIAÇÃO E APROFUNDAMENTO DO QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA	04
O QUE DIZEM OS AUTORES SOBRE:	
TELEVISÃO E CRIANÇA	04
TELEVISÃO, CRIANÇA E VIOLÊNCIA	10
TELEVISÃO E IMAGINAÇÃO	19
TELEVISÃO E ESCOLA	24
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
CONTATO COM A INSTITUIÇÃO / ESCOLHA DA TURMA	27
CARACTERIZAÇÃO DA CLASSE	28
DESCRIÇÃO DO PARQUE	30
PESQUISA DE CAMPO: ANÁLISES E DISCUSSÕES	31
1. APROXIMAÇÕES; OBSERVAÇÕES E CONVERSAS COM AS CRIANÇAS - REGISTROS EM DIÁRIO DE CAMPO	33
2. POSICIONAMENTO DOS PAIS COM RELAÇÃO À PROGRAMAÇÃO DE TV - QUESTIONÁRIO ENCAMINHADO AOS PAIS	38
3. PROGRAMAÇÃO DE TV NA ESCOLA; IDENTIFICAÇÕES E POSICIONAMENTOS DAS CRIANÇAS - REGISTRO EM VÍDEO	43
3.1. APRESENTAÇÃO DOS FILMES:	46
3.2. VOTAÇÃO / RESULTADO DA VOTAÇÃO:	48
3.3. INÍCIO DA TRANSMISSÃO DO FILME:	51
3.4. MOVIMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS COM OS PERSONAGENS:	52
3.5. QUEBRA DA TV E TENTATIVA DE CONSERTO:	57
3.6. CONVERSA COM AS CRIANÇAS: AMBIGUIDADES E POSICIONAMENTOS:	58
3.7. RELAÇÕES DE PODER: CONDIÇÕES E CONTRADIÇÕES:	64

CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
ANEXO 1	72
ANEXO 2	73
ANEXO 3	74
ANEXO 4	75

APRESENTAÇÃO

Caracterizada pela comodidade que oferece, pelo baixo custo que requer e por sua fácil utilização, além de possuir uma vasta e variada programação que informa, diverte e distrai seu público, é que a televisão está fortemente presente na vida das pessoas, apresentando-se como um dos meios eletrônicos mais difundidos da sociedade atual.

Pesquisas constataam que inúmeras pessoas dedicam várias horas do seu tempo assistindo televisão, estejam elas dispondo do seu tempo livre, ou mesmo se dedicando à realização de seus afazeres. Muitas crianças costumam cumprir seus deveres da escola enquanto assistem TV. Existem estudos que mostram que o tempo despendido a assistir TV é, muitas vezes, maior que o tempo que algumas crianças passam na escola.

Foi ante essa realidade, marcada pela presença maciça da televisão na vida de muitas crianças, que o presente trabalho voltou-se para analisar as possíveis repercussões que esse meio de comunicação de massa pode ter no público em idade pré-escolar.

INTRODUÇÃO

A televisão é, sem dúvida, o meio de comunicação de nossa época, a cada ano ela consegue maior penetração na vida das pessoas. "Produzida e difundida segundo uma técnica cada vez mais sofisticada e numa escala industrial, a televisão impôs novos hábitos para se seguir sua programação e difundiu normas de comportamento para o seu público. Suas emissões nos trazem uma poderosa ilusão de fantasias, onde a realidade se funde em ficção e o irreal toma a dimensão da realidade" (Bastos, 1988, p.9). Por estar integrada ao ambiente familiar e presente na maioria dos lares, a televisão impõe para o seu público, hábitos que acabam servindo como fonte de novos modelos e comportamentos, principalmente, entre as crianças.

Depois de passarem horas em frente à TV, as crianças reproduzem fielmente falas, gestos e comportamentos de seus heróis prediletos. Basta que se observe o dia-a-dia, tanto na escola, como em casa e na rua, para perceber como personagens de programas televisivos estão fortemente presentes nas brincadeiras infantis, inclusive os dos desenhos animados.

Perante a convivência do público infantil com a TV, e os possíveis efeitos que essa relação pode acarretar, principalmente no que se refere à violência, foi que o presente trabalho teve início. Foram levantadas questões como as seguintes: Será que passando horas em frente à TV, as crianças não estariam se tornando consumidoras passivas das mensagens veiculadas pelo aparelho? E ao brincarem, reproduzindo algumas cenas de violência, não estariam se tornando agressivas ou mesmo aumentando sua agressividade?

Para situar o problema e proceder à investigação foi realizada uma pesquisa empírica com crianças na faixa etária de 6 anos na Escola Municipal de Educação Infantil Agostinho Páttaro, em Campinas - SP, além de um aprofundamento teórico sobre o tema em questão.

No decorrer da pesquisa, os questionamentos iniciais foram tomando diferentes rumos, pois mesmo existindo alguns autores que recriminam o uso abusivo da televisão, outros acreditam que seus efeitos não tendem a prejudicar o telespectador, porque lidam, justamente, com o imaginário do ser humano, com seu mundo de sonhos e fantasias. Ou como sugere Fischer (1984): "a identificação de diferentes públicos, em nossa época, com uma mesma mensagem veiculada pela TV, parece ser o encontro que se dá entre essas pessoas e a tematização, via televisão, de suas dúvidas, desejos e inquietações mais profundas, talvez até arcaicas. Ou seja, a vivência eletrônica do mito" (p.19).

Sendo a televisão um instrumento humano que carrega em si diversidades e contradições, vale questionarmos a colocação de alguns autores que acreditam que a programação preferida pelo público infantil está mergulhada em violência. Será que realmente as crianças preferem programas violentos? Ou será que estes programas são de certa forma "impostos" a elas? Que tipo de ideologia e/ou valores está por trás do que é produzido e transmitido via TV?

AMPLIAÇÃO e APROFUNDAMENTO do QUADRO TEÓRICO de REFERÊNCIA

O que dizem os autores sobre: televisão e criança

Constituída por uma enorme variedade de programas e pelo fascínio que exerce a televisão está fortemente presente na vida das pessoas, fazendo parte de seu cotidiano mais que qualquer outra invenção do século XX. De acordo com inúmeras pesquisas desenvolvidas em vários países como EUA, Inglaterra, Espanha e Brasil, não resta dúvida de que o público infantil é o que mais tempo permanece diante do aparelho televisivo, seja dispondo de seu tempo livre ou mesmo realizando quaisquer tarefas,- tal audiência tende a ser maior entre as crianças com idade pré-escolar (até os 6 anos). É justamente pela presença maciça desse veículo¹ na vida das crianças, que alguns teóricos se preocupam em estudar quais as possíveis repercussões que essa frequente convivência pode acarretar.

Segundo Teixeira (1987) "A influência que a programação de televisão exerce sobre a criança é complexa de ser analisada, pois são numerosas as variáveis que devem ser consideradas. Destacamos algumas: o tempo gasto pela criança diante do aparelho; outras fontes que atuam concomitantemente com a televisão sobre a criança (isso supondo que a criança não tem na televisão sua única fonte de informação); a própria idade da criança, pois a influência exercida aos 2 anos se diferencia daquelas sofridas aos 6 ou 10 anos; o tipo psicológico da criança; o tipo de escola que frequenta; as suas

¹ Segundo Ciro Marcondes Filho (1988), usa-se o termo "veículo" para rádio, televisão e cinema, como sinônimo de algo "que conduz", no caso, além de distraírem, conduzem informações, imagens, mensagens sociais diariamente e de forma contínua.

experiências de vida; enfim, a maneira como é valorizada ou desvalorizada a televisão em seu grupo primário. Outras pessoas preocupadas com o assunto situam o problema dentro de uma visão mais ampla: uma das opções que os pais fazem é entre criar filhos moldados pelas mensagens consumistas impostas pela televisão, ou criar indivíduos capazes de ter senso crítico, de assumir responsabilidades, capazes de cumprir seus deveres, mas exigir seus direitos" (p.40).

O autor acredita que no Brasil, poucos trabalhos têm sido apresentados sobre a influência da programação de TV nos jovens e nas crianças, e, os trabalhos publicados em outros países nem sempre servem como subsídio teórico e elemento de análise, pois, além de tratarem de diferentes programações, lidam com um público com contextos de vida bastante diferenciados. Mesmo assim, ele cita alguns estudos que apresentam certos efeitos ocasionados pela TV, os quais colaboram, de alguma forma, com o desenvolvimento desse trabalho: "quebra da ordem na disciplina familiar, motivada pelo desejo da criança querer assistir TV em horas destinadas a outras atividades como, por exemplo, a alimentação, sono ou estudo. Diminuição do tempo dedicado a outras atividades, distúrbios de comportamento, medo, instabilidade emocional. Redução ao mínimo indispensável da expressão verbal e escrita. Consumo precoce. Adoção passiva de modismos. Aumento de agressividade nas brincadeiras. Identificação de lazer como passatempo passivo, etc "(Teixeira, op. cit., p.19).

Os autores Erausquin (1983), Bastos (1988) e Marcondes Filho (1988), trazem em suas obras, além de seus próprios estudos, contribuições de diversos pesquisadores com trabalhos significativos para uma melhor compreensão dessa complexa realidade constituída pela relação TV - criança.

No que se refere à audiência, assim como Bastos constatou no Brasil, pesquisas norte-americanas realizadas por Nathan Katzman (Apud Bastos, op. cit.) também constataram que há uma estreita relação entre a renda familiar e a intensidade com que se assiste TV, foi demonstrado que famílias de maior renda assistem menos televisão do que famílias mais pobres, uma vez que as possibilidades financeiras de ocupar o tempo livre com várias formas de lazer e esporte fazem com que a criança se despenda mais

facilmente da TV. Quanto maior o poder aquisitivo da família, mais fácil se torna afastar a criança da TV. Katzman verificou também que pais de filhos de 11 e 12 anos que muito assistem TV, geralmente, são da classe menos favorecida e frequentemente católicos; e o negro é classificado como da categoria que mais assiste TV; e quanto mais alto o nível escolar atingido pelo chefe da casa, menor é o índice de audiência, além do que, as programações de TV são as principais fontes de valores e estilos de vida nos EUA, o que sem dúvida, se aplica a muitos países e também ao Brasil, afirma Marcondes Filho.

Muniz Sodré (1977) expõe suas idéias, afirmando que a relação entre o telespectador e a TV é basicamente ruim, pela falta de diálogo que implica. Uma vez que por diálogo se entenda a troca recíproca entre falante e ouvinte, diante da televisão, essa troca não existe, pois o telespectador apenas recebe as mensagens, as informações e as imagens que o aparelho lhe transmite (Apud Marcondes Filho).

Os pesquisadores ingleses Himmelweit, Oppenheim e Vince (1958) enfatizam de forma bem clara, os resultados a que chegaram estudando a relação televisão e criança:

- "- O simples fato de olhar a televisão favorece uma atividade mental passiva; a criança sentada, estática, com a boca aberta, consome tudo que aparece e absorve como uma esponja o conteúdo da programação;
- A televisão pode incentivar na criança uma preferência pela vida 'fabricada', em detrimento de sua própria experiência. Basta que a criança aperte o botão para que cheguem a ela espetáculos, pessoas e acontecimentos. Isto a habitua ao gosto de aprender de segunda mão as coisas, sem se ver obrigada a realizar o esforço de ver e atuar por sua própria conta;
- Por conseguinte, a televisão provoca uma atitude de espectador e uma perda de iniciativa. Se, por qualquer razão, a criança, já condicionada, for carente da possibilidade de contemplar a televisão, sua escolha se dirigirá para outras atividades de espectador: cinema, rádio, etc., de preferência a dedicar-se a um emprego ativo de seu tempo;
- A televisão incapacita a criança para emoções autênticas. De fato, está sendo continuamente bombardeada por uma grande variedade de estímulos; qualquer um deles pode provocar o interesse da criança, mas a criança não

traduzirá este apelo em ação, já que será distraída por outro estímulo passivo" (Apud Erausquin, op. cit., p.39).

Marie Winn (1977) atribui ao ato de contemplar a televisão (seja qual for a programação) efeitos semi-hipnóticos e criadores de dependência, ela mostra que a dependência psíquica das crianças americanas pela TV pode ser comparada à dependência de viciados em drogas químicas, considerando que "a TV é, acima de tudo, um vício" (Apud Teixeira, op. cit., p.19). Ela resume os prejuízos da teledependência da seguinte forma: "A criança que cresce necessita de oportunidades de entrelaçar os vínculos familiares fundamentais e de chegar, assim, a compreender a si mesma. A criança tem necessidade de dirigir-se a si mesma, a fim de - pouco a pouco - libertar-se de toda dependência. O abuso da televisão contribui para perpetuar esta dependência. A criança tem necessidade de adquirir técnicas essenciais de comunicação - aprender a ler, a escrever, expressar-se facilmente e de forma clara - a fim de poder desenvolver-se como ser social. O abuso da televisão não favorece seu desenvolvimento verbal porque não exige nenhuma participação verbal de sua parte, mas sim, somente uma receptividade passiva. A criança precisa descobrir suas próprias potencialidades e debilidades a fim de realizar-se mais tarde como adulto no trabalho e no convívio com os demais. Ver televisão não a conduz a realizar tais descobertas; não faz mais que impor limites a seu afrontamento em atividades da vida real que possam oferecer a suas capacidades um autêntico terreno de ensaio. Todo menor desenvolve amplamente suas faculdades intelectuais quando se lhe oferece possibilidade de manipular, de tocar, de *fazer*, em lugar de contentar-se com uma postura passiva" (Apud Erausquin, op. cit., p.22).

Até esse ponto, no que se refere à relação televisão - criança, concordamos com Teixeira quando ele diz que "a influência que a programação de televisão exerce na criança é complexa de ser analisada", porém, quando ele traz autores que acreditam: ou na criação de filhos moldados pela TV ou de filhos com capacidade crítica, vemos que não se trata, de situar o "problema dentro de uma visão mais ampla", e sim, mais radical, pois a questão é colocada de uma forma como se fosse impossível conciliar o gosto pela TV e a capacidade de desenvolver um senso crítico, como se pessoas críticas também não consumissem produtos transmitidos pela TV.

Teixeira ainda cita outros trabalhos que apresentam vários efeitos que se acredita que a TV possa ocasionar na criança, no entanto, alguns deles como: distúrbios de comportamento, instabilidade emocional e aumento de agressividade, requerem um estudo mais metódico, uma vez que cada criança, cada ser, tem comportamentos distintos e reagem de forma individual e específica a cada situação, não podemos, portanto, generalizar tais efeitos a todas crianças. E com relação à: quebra da ordem na disciplina, diminuição do tempo dedicado a outras atividades e redução da expressão verbal e escrita, há a possibilidade de acontecerem se a criança "deixar" que a TV absorva toda a sua atividade cotidiana.

Referente à audiência, ao uso do tempo na infância relacionado com a classe social, Marcellino (1986) demonstra que as crianças que mais dispõem de tempo livre são as crianças de classe média. Elas não possuem dinheiro suficiente para se dedicarem a atividades variadas de lazer, esporte, música, dança ou cursos de línguas, como as crianças de nível sócio-econômico mais elevado, mas também, não têm necessidade de ganhar as ruas trabalhando para seu próprio sustento e de sua família como os jovens pobres. Exceto o tempo que permanece na escola, a criança de classe média ocupa seu tempo livre, muitas vezes, em frente à televisão.

Quando Sodré diz que a relação entre o telespectador e a TV é basicamente ruim, pela falta de diálogo que implica, quando Himmelweit, Oppenheim e Vince se referem à criança sem iniciativa, sentada, estática, com a boca aberta, consumindo passivamente uma vida fabricada, sem emoções autênticas, e quando Marie Winn afirma que "a TV é, acima de tudo, um vício" e que as crianças chegam a depender psiquicamente dessa droga, têm-se a impressão de uma criança que não se relaciona com ninguém, que não estabelece diálogos com o outro, que não pratica esportes, não tem lazer algum, não sai de casa, não faz nada o dia todo, a não ser assistir televisão: ela come em frente à TV, faz seus deveres da escola em frente à TV (se é que vai à escola), enfim, sua vida se resume à TV. Até podemos considerar que existam crianças com tais características, mesmo assim, acreditamos que os autores partem de uma realidade muito extremada para analisar a influência da TV sobre a infância, pois, consideram o aparelho como uma droga, um veneno que só traz prejuízos à criança, e pressupõem esta como sendo vazia, oca, sem qualquer capacidade seletiva de

pensamento ou de reflexão, totalmente inerte e passiva a todo estímulo que a TV possa lhe imprimir.

É certo que o livre acesso ao aparelho televisivo pode acarretar uma enorme audiência devido ao poder de atração que ele exerce sobre a criança, o que pode gerar problemas como: cansaço mental, excesso de carga emotiva, danos nos olhos, poucas horas de sono (se assistirem até tarde a programação), e, talvez baixa no desempenho escolar - Bastos mostra que a eficiência da criança na escola não parece ser afetada por sua exposição diante da TV, a não ser que essa se prolongue e prejudique as horas de sono.

Com relação à questão da passividade, concordamos com Bastos quando ela afirma, através de seus estudos, que as crianças não se mostram passivas diante do vídeo: "elas reagem aos estímulos apresentados de acordo com sua personalidade, maturidade psíquica e em função do ambiente familiar" (p.15). Uma vez que a criança cresce num contexto global, sofrendo influência de vários meios, a influência exercida pela televisão não se fará de forma isolada.

Considerar a relação TV - criança dentro de um maniqueísmo que a julga como "ruim", "negativa", "prejudicial", parece não ser a forma mais adequada de situar a relação. Sendo a TV um instrumento humano, ele carrega consigo diversidades e contradições, assim como as pessoas de modo geral. Cada ser, em cada situação, diante de determinada programação (todos situados dentro de um contexto histórico) reage de forma específica e diferenciada.

televisão, criança e violência

Segundo Bastos (1988), a televisão começou a funcionar no Brasil graças ao empresário Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que inaugurou a TV Tupi em São Paulo, em 18 de setembro de 1950. E desde que foi implantada seu espaço dentro dos lares só vem se expandindo e sua audiência aumentando cada vez mais, principalmente, entre as crianças.

A televisão brasileira, embora importando programas de outros países, principalmente dos Estados Unidos, também criou sua própria programação, como as telenovelas, os seriados, espetáculos de variedades, de humor e infantis - a primeira programação apresentada para o público infantil, foi o "Clube do Papai Noel". Desde então, a programação dedicada ao público infantil só vem aumentando, e junto dela, a importação de desenhos animados norte-americanos. Mas, mesmo diante da enorme variedade de programas infantis, as crianças, muitas vezes, assistem aqueles produzidos para o público adulto, embora estes sejam transmitidos em horários que possam prejudicar suas horas de sono e constituídos por imagens impróprias para sua idade. Essas imagens produzidas para os adultos podem, como alerta Teixeira (1987), oferecer "...experiências prematuras às crianças; experiências pertencentes ao mundo dos adultos, de seus conflitos e frustrações, experiências que a muitas crianças não é possível digerir" (p.41). Além do que, muitas vezes, essas imagens são importadas e acabam descaracterizando a cultura nacional, pois transmitem ao público, culturas diferenciadas da brasileira e que visam, tão somente, interesses comerciais: possuem material atraente, de fácil comercialização e de menor custo de produção. E as emissoras de televisão têm interesse em difundir esses novos produtos e valores pelo fato da televisão representar, hoje, um veículo de divulgação incomparável e ter por objetivo a formação de hábitos de consumo.

O ex-ministro das Comunicações, Euclides Quandt de Oliveira já alertava que: "Estão praticamente sendo impostos aos nossos jovens, principalmente às crianças culturas e valores estranhos aos brasileiros. A nossa TV comercial está sendo veículo privilegiado da importação cultural, fator básico da descaracterização de nossa criatividade... Tal tipo de monopólio acentua

cada vez mais a diferença entre as nações desenvolvidas e as em desenvolvimento. Ajuda, inclusive, a perpetuar essa diferença, que se transforma em virtual colonialismo cultural" (Veja, 20 de julho de 1977 Apud Teixeira, op. cit.). Assim sendo, a nossa televisão, como um sistema de comunicação dependente da tecnologia estrangeira, acaba funcionando como reprodutor de modelos culturais diferentes dos nossos.

O que devemos concordar, pois, basta assistir TV para vermos quantos produtos importados estão sendo "impostos" ao público, através das imagens coloridas e fascinantes que são apresentadas, quantas novelas, quantos desenhos infantis, quantos filmes estrangeiros são passados todos os dias nas diferentes emissoras? É certo que o cinema no Brasil vem sofrendo grandes dificuldades e que as novelas buscam compensar isso, mas por que não passar mais programas educativos, mais programas referentes ao próprio Brasil, mostrando as diferentes regiões com suas diferentes culturas, ao invés de transmitir filmes estrangeiros? Por que não valorizar mais o que o Brasil tem para ser mostrado e, por que não, também consumido? Por que não valorizar mais o que é nosso, fruto de nossa cultura, de nosso povo?

Numa reportagem publicada na edição de 15 de março de 1997, Ethevaldo Siqueira salientou que: "O Brasil é uma espécie de paraíso da televisão porque tem os ingredientes básicos para o sucesso da imagem: grande massa de analfabetos, semiletrados pouco exigentes, reduzidas opções de lazer e dificuldades econômicas" (Apud Teixeira, op. cit., p.26).

Vemos que essa situação acontece e, a cada dia, de forma mais marcante, porque as pessoas, de modo geral, assistem muito à televisão, o que acaba contribuindo para o aumento do consumo dos produtos transmitidos via televisão (os quais também são vistos nas ruas, em bares e revistas), bem como para o crescimento das várias emissoras e, conseqüentemente, para a perpetuação da TV como o instrumento de divulgação social de nossa época.

Mesmo assim, o interesse das crianças pelos programas de TV continua forte, inclusive, pelos cômicos, de ação, filmes de aventuras e desenhos animados, pois, o humor apresentado junto à rapidez de movimentos, ações e trocas incessantes de sons e imagens geram nas crianças grande poder de atração e emoções excitantes, principalmente, quando se trata de violência. É justamente pelo fascínio e pela possível influência que as cenas violentas,

que as crianças tanto gostam, possam ter em sua mente e psiquismo, que alguns autores se preocuparam em estudar os possíveis efeitos que a relação TV-criança pode acarretar.

Após analisar diversos conteúdos da televisão violenta, o professor Joaquín María Arago (1979), chegou às seguintes conclusões: "a) A violência na televisão é premiada ao menos tantas vezes quantas é castigada. b) Mais: os bons e os maus violam a lei com a mesma frequência e empregam igualmente a violência para obterem uns pretensos fins 'bons'. c) O emprego de meios ilegais e violentos para alcançar as metas perseguidas é premiado mais frequentemente que o emprego de meios legais, socialmente corretos, não violentos. Isto é especialmente patente nos programas destinados às crianças. d) Mais importante ainda: a televisão não oferece ao telespectador outra alternativa igualmente 'bem-sucedida' para superar as dificuldades, os conflitos que são comuns em nossa vida e em nossa sociedade" (Apud Erausquin, 1983, p.46).

Wilbur Schramm² (1961) pesquisou o assunto e constatou diferentes reações nos jovens diante de cenas violentas: em algumas crianças a violência não aumentou; em outras as reações agressivas foram reforçadas; algumas apresentaram um enfraquecimento em sua agressividade; em outras ainda foram detectadas perturbações no sono, no apetite e nas emoções (Apud Bastos, op. cit.).

O pesquisador Imme Horn, nos EUA, verificou que quando se trata do tema violência, a criança produz uma ação agressiva imediatamente após assisti-la na TV, por pura imitação; pois, tal agressividade só existe num período de curta duração; a influência da TV não se confirma por muito tempo na violência infantil (Apud Marcondes Filho, 1988).

Bastos nos traz resultados de outros estudiosos do tema. Eleonor Maccoby, nos EUA, demonstra que a maior parte das crianças não reproduz comportamentos violentos vistos na TV; e não se sabe ainda se as que reproduzem, o fazem por ter sua agressividade aumentada pelas várias horas diante do vídeo, ou se escolhem justamente os programas agressivos para exteriorizarem sua própria agressividade. Komorowska observou que as crianças que assistem TV na presença de adultos, apenas imitam, em suas

² Realizador de um relatório para a UNESCO sobre a influência da televisão em crianças e jovens de vários países.

brincadeiras, os comportamentos aprovados por eles. Observou também que, cenas de um filme isolado são mais difíceis de serem imitadas do que fatos de uma série que se repete. Belson (1971) crê que as emissões mais perigosas são aquelas que se utilizam da violência na defesa de princípios justos.

Para Charles Atkins (1977), "o tipo de violência mais assimilável pela criança, através da TV é aquela que enfatiza a luta física... filmes de crime e polícia são mais perniciosos que as cenas 'fortes' dos desenhos animados. Mas, mais perniciosas ainda são as imagens reais de violência; aquelas mostradas nos noticiários que as crianças assistem muito. De qualquer forma, as crianças que presenciam na televisão cenas de violência são duas vezes mais agressivas do que aquelas que não o fazem" (Teixeira, op. cit., p.18).

Marco Antonio Rodrigues Dias (1977) relatou que: "é a violência gratuita a mais assimilável, pois a criança passa a ser colocada diante desses fatos como se fossem os mais normais possíveis. Acontece que a solução de todos os problemas passa a estar na violência - o que não pode ser benefício. Ora a violência existe independentemente da TV. Se formos fazer uma TV incolor e inodora, estaremos apresentando uma falsa imagem da realidade. No meu entender a grande violência está na repetição, na insistência e no exagero - três fatores que fazem com que a violência seja apresentada como coisa normal. 'Mata-se como se bebe água" (Teixeira, op. cit., p.18).

O médico psiquiatra, Michael Miller, em seu livro A Saúde Mental da Criança, diz que: "Se o sadismo é apresentado como heróico, e a crueldade, a rudeza e a falta de compaixão perpetradas por esses heróis são tratadas como ideais, para muitos jovens, isso se torna um modo de reação aceitável. A disseminação do uso da violência parece justificado, e a violência torna-se maneira aceita de abordar a oposição na vida. Quando os heróis não demonstram sentimentos, quando são duros e impiedosos, as crianças começam a reagir assim: 'Como posso ser heróico demonstrando meus sentimentos? Só os maricas e bobos choram ou se queixam'. Se, além disso, os pais revelam pouca emoção, simpatia ou ternura, tal insensibilidade é reforçada" (Miller, 1969, p.96 apud Teixeira, op. cit., p.28).

O autor Marcondes Filho demonstra que, a partir de estudos de pesquisadores conceituados na área de comunicação, no que se refere à violência, as pessoas tendem a rejeitar programações que transmitem a violência pela violência, como a explosão da ordem social ou mesmo uma briga em família, pois elas se sentem confusas e agredidas. "Quando a violência se refere a uma situação do país inteiro, só é digerida se neutralizada pelos esquemas convencionais da lei e da ordem: o distúrbio passa na medida em que no final ele é controlado pela polícia, pela lei, pela instituição. Por isso, a violência na TV é geralmente canalizada para filmes policiais, de faroeste e de aventuras, além dos desenhos animados" (p.86). O evento só interessa ao telespectador se houver algum esquema que diminua a violência e estabeleça a ordem e se ele puder torcer para um dos lados, já que rejeita qualquer forma de rebelião incontrolada que leve a ordem social ao caos. Essa violência revolucionária é rejeitada por questionar bases de legitimação, inclusive da violência cotidiana. Ela abala os códigos legais e exige uma reestruturação social como também individual, ameaçando assim o cotidiano, que é onde as pessoas encontram as bases para sua auto afirmação.

"A violência é valorizada porque confirma a repressão ao desejo de felicidade (em favor de uma austera consciência de culpa), porque no sadismo de TV tem-se um estranho prazer em ver a condenação daquele que queira transgredir as normas sociais. A violência assim associada ao castigo dos pais, à punição, à dor física contra a liberação plena dos desejos, é uma *confirmação* de certas atitudes. Quem todos os dias vir experiências de privação, quem tem de abrir mão de suas vontades em prol de um princípio de realidade opressor e anônimo, quem 'precisa' padecer sob as normas da sociedade e recalcar todas aspirações de felicidade, precisa encontrar na TV - mas não só nela - a valorização de seu sofrimento. O fora-da-lei, o criminoso, o marginalizado, o diferente, o ousado, o aventureiro, o irresponsável, o cabeça-fresca, sempre acabam mal, pois o que vale é o princípio da sensatez, é viver sob o padrão exigido. Nesse sentido, a violência da TV é idêntica à violência com que a sociedade trata todos aqueles que ousam romper com esse princípio de realidade e desafiá-lo. Por isso, ela é valorizada; porque reconforta e tranquiliza o telespectador, passando-lhe a noção de que não é só ele que sofre, mas todos, e todos tem de abrir mão de seus desejos; uma vez que toda cultura não passa de um amontoado de privações. Reproduzindo a sociedade, através da valorização

do sofrimento e da confirmação de certas práticas mais radicais, a TV legitima uma ação primitiva extralegal" (Marcondes Filho, op. cit., p.88).

A partir do exposto até aqui com relação a possível influência que a TV pode exercer nas crianças, principalmente, no que se refere à violência, chegar a uma resposta é, sem dúvida, bastante complicado, pois, as opiniões entre os próprios estudiosos do assunto são bem divergentes. Inclusive, estudos mais meticolosos e críticos desmentem a validade de pesquisas superficiais que chegam à conclusões pela simples associação de programas violentos, comportamento violento. Argumentam que tais pesquisas mantêm-se apenas na superficialidade dos fatos, sem levar em consideração inúmeros outros fatores que influenciam a análise comportamental. Alerta, portanto, que pesquisas behavioristas correm o risco do empirismo por criarem situações artificiais e julgarem os fatos a partir apenas do observável diretamente.

Se pensarmos a televisão como um produto cultural presente diariamente na vida das crianças, é possível não considerar sua "influência" e seus "efeitos" sobre elas? Devemos tentar saber até que ponto ela é "positiva" ou "negativa" à criança, analisando-a, não pela simples associação cena violenta na TV - comportamento agressivo na criança, conforme alguns autores colocam, mas, a partir do contexto de vida da criança inserido num todo social que gera, cria, propaga e determina valores, costumes, hábitos e comportamentos.

Se podemos constatar que a programação de TV apresenta a violência em diversas formas - desde noticiários que mostram a realidade cotidiana até os desenhos animados que parecem legitimar a violência em defesa de um bem comum - não podemos estabelecer uma relação direta de causa e efeito entre o assistir TV e o comportamento das crianças, pois mesmo que elas assistam programas violentos todos os dias, não são todas que exteriorizam sua agressividade logo após ou depois de tê-los assistido, se é que a exteriorizam. Existem várias formas, visíveis ou não, de se extravasar a violência, apesar de certos estudiosos acreditarem que só o fato de a criança presenciar cenas de violência na TV é suficiente para justificar sua agressividade ou mesmo o aumento dela. Atribuir à TV a "culpa" pela agressividade das crianças como uma simples resposta a um estímulo dado é permanecer na superficialidade dos fatos de uma relação que, por sua complexidade, requer um estudo mais minucioso e abrangente.

Dentro desse panorama mais amplo de análise Willian Belson (1971), que teve forte representação dentro das obras de Marcondes Filho e Erausquin, pode contribuir significativamente para o estudo a que essa pesquisa se propõe, uma vez que redimensiona as questões até aqui colocadas, pois, mesmo acreditando que a TV é umas das causas da violência juvenil, principalmente entre as camadas mais pobres, Belson afirma que tais correlações não podem ser consideradas definitivas, já que "estabelecer correlações não é encontrar causas", e as causas principais da violência no mundo são consequência da incultura, da miséria, das injustiças e desigualdades sociais, onde a televisão faz apenas o papel de espelho refletor. A sociedade é e está violenta, e a TV faz conta de reproduzir tal realidade. "Não é a televisão que fabrica indolentes e violentos. São a violência e a indolência as causas primeiras do mal-estar" (Erausquin, p.45 e Marcondes Filho, p.87).

O que de certa forma é reforçado por Harold Mendelsohn que talvez seja um dos autores que mais põe em dúvida a importância exagerada que se atribui à televisão na gênese da violência infantil e juvenil. Diz ele: "Cada vez que tratamos de 'explicar' comportamentos tão complexos como a delinquência juvenil, o estupro, o roubo e o assassinato, atribuindo-os aos gibis, aos filmes ou à televisão, estamos jogando exatamente este jogo. Em nossa impotência para aplicar, portanto, controlar estes desvios, tratamos de encontrar 'causas' individuais do mais fácil sentido comum para assim limar as asperezas mais agudas de nossa frustração" (Apud Erausquin, op. cit., p.45).

A TV por si só não altera nem determina quaisquer comportamentos. Atribuir a causa da violência infantil à violência transmitida pela TV, é deslocar para o aparelho uma "culpa" que, de fato, é consequência direta de toda violência existente na sociedade, uma vez que "...É a própria cultura e todas as relações sociais que moldam os comportamentos e as atitudes, com base em estruturas oriundas da mais tenra infância e do período de socialização da criança, isto é, do período de aquisição de linguagem, de formação de identidade, de conhecimento das normas sociais, bastante carregadas de sentimentos e emocionalidade e, por isso, mais determinantes na estruturação do caráter da pessoa. Culpar a TV pelos desvios, pela violência, pela imoralidade é limitar os resultados de uma investigação: a TV é feita por homens, em determinada época, com determinados interesses e ideologias.

Ela é apenas seu instrumento de reforço. Sem ir buscar na sociedade que está por trás dela a causa de todos os efeitos que aparecem pela TV, jamais se irá chegar a alguma coisa" (Marcondes Filho, op. cit., p.108). Se a violência existe independentemente da TV, fazer uma TV incolor e inodora, é apresentar uma falsa imagem da realidade.

E conforme coloca Guattari (1987), dentro da atual sociedade, desde muito cedo as crianças, independente de sexo e classe social, são obrigadas a decifrar e a fazer parte dos códigos impostos pelo capitalismo - diferentemente das sociedades primitivas, onde essa iniciação se dava aos 9-12 anos. Tal iniciação não mais se faz através da coerção, mas por meios cada vez mais sutis e eficientes, como pela linguagem audiovisual. A TV se tornou a "babá" que tomou para si tarefas que cabiam às mães, aos professores e "toda linguagem que nela é produzida está a serviço de um certo tipo de formação, de iniciação às diferentes engrenagens da produção e do campo social" (p.53).

Luiz Augusto Milanese acredita que "a TV é um veículo que reforça as mudanças que o sistema capitalista exige... Enquanto o sistema brasileiro for capitalista, a TV será um reforço ao capitalismo. A TV não faz revoluções e, provavelmente pouco ajudará" (Milanese, 1980, p.3 apud Teixeira, op. cit., p.33). "Se a TV através da publicidade amplia as aspirações de consumo e reforça o sistema capitalista, e se o capitalismo periférico brasileiro tem relações de dependência com os países mais desenvolvidos, chega-se à conclusão de que as inovações de fora configuram as de dentro" (Milanese, 1978, p.184 apud Teixeira, op. cit., p.33). "A massificação é condição básica à sobrevivência ou ao prolongamento da existência das estruturas sócio-econômicas geradas pelo desenvolvimento capitalista, assim, os meios de comunicação, e principalmente a televisão, estão a serviço dessas estruturas" (Teixeira, op. cit., p.46).

Vázquez (1977) acredita que "...na sociedade baseada na exploração do homem pelo homem, como a sociedade capitalista atual, a violência se mostra tanto nas formas diretas e organizadas de uma violência real ou possível, quanto de modo indireto, e aparentemente espontâneo, como violência vinculada ao caráter alienante e explorador das relações humanas. É a violência da miséria, da fome, da prostituição ou das enfermidades, que já não é a resposta à outra violência potencial ou em ato, mas sim a própria

violência como modo de vida porque assim o exige a própria essência do regime social" (p.382).

Vemos portanto, que chegar a uma resposta com relação à influência que a TV pode exercer ou não no comportamento e na agressividade infantis não é tarefa fácil, pois, devemos considerar que a TV não é a única a transmitir programas violentos, basta sair nas ruas para vermos a violência por todos os cantos do mundo. Vivendo na sociedade atual, sob o regime capitalista e através de suas formas ásperas e rudes de se impor, caracterizadas pela exploração do homem pelo homem, pela miséria, pela injustiça, pela incultura, pela desigualdade, não é "justo" atribuir às mensagens televisivas a "causa" de uma violência que está presente tanto nas camadas mais miseráveis, dentro das favelas e embaixo dos viadutos, como presente nas famílias de classe média e nas grandes mansões da classe alta, bem como, dentro dos órgãos públicos de poder. O mundo é e está violento e a TV, como o meio eletrônico de comunicação social mais difundido e utilizado de nossa época, só faz por reproduzir, em suas imagens e mensagens, essa realidade.

televisão e imaginação

As crianças costumam permanecer cerca de 4 horas diárias em frente a televisão assistindo desde os desenhos animados (produzidos especialmente para o público infantil) até as novelas e os filmes de aventura. No entanto, podemos acreditar que muitas crianças, principalmente as pequenas, assistem certas novelas e filmes (programas dedicados ao público adulto) porque seus pais, irmãos ou outros moradores da casa assistem tais programas e, a criança, por falta de diferentes opções de entretenimento e mesmo por imitação do comportamento alheio, permanece atenta às emissões e acaba criando um certo gosto por essas programações. Enquanto tem o aparelho a sua disposição, a criança pode assistir o que quiser, mas quando em presença de outras pessoas, ela se submete, de certa forma, ao gosto alheio, ou seja, essa criança acaba vendo o que o todo familiar elege para ser assistido naquele momento, normalmente novelas, filmes estrangeiros e programas cômicos. Essa situação é tão cotidiana e normal na vida das pessoas, que mesmo não gostando, num primeiro momento, por exemplo de novelas, as crianças acabam introjetando um costume que mais tarde se torna um gosto. A televisão impõe, portanto, hábitos para se seguir sua programação diária e difunde normas de comportamento para o seu público (Bastos, 1988). As emissoras de TV, cientes desse fato, produzem e importam, cada vez mais, novelas, filmes dentre outros programas, com uma linguagem acessível, nivelada por baixo para que qualquer pessoa, independente de idade e escolaridade, seja capaz de compreender (Dino Preti in Novaes, 1991).

Além dessa linguagem de fácil acesso, "suas emissões nos trazem uma poderosa ilusão de fantasias, onde a realidade se funde em ficção e o irreal toma a dimensão da realidade" (Bastos, op., cit., p.9), as programações são apresentadas de forma a confundir o mundo da realidade e o mundo da fantasia. A TV nos mostra situações referentes à incompletude do homem, ao significado da vida e da morte e de nossa própria existência. Dentro dessa perspectiva, vemos que as mensagens de qualquer natureza (filmes, novelas, propagandas, noticiários, desenhos animados) veiculadas pela televisão acabam falando a linguagem do mito (Fischer, 1984), tocando o imaginário do ser humano, pois se referem a um conjunto de necessidades

humanas bastante antigas que encontram na fantasia uma forma de satisfazê-las e, por isso, possuem uma função real na vida das pessoas.

As mensagens televisivas, porque mitológicas, se situam como resposta, por identificação e/ou projeção, a um conjunto de necessidades humanas bastante antigas, talvez: "a identificação de diferentes públicos, em nossa época, com uma mesma mensagem veiculada pela TV, parece ser o encontro que se dá entre essas pessoas e a tematização, via televisão, de suas dúvidas, desejos e inquietações mais profundas, talvez até arcaicas. Ou seja, a vivência eletrônica do mito" (Fischer, op. cit., p.19). Compreendendo o mito como a narrativa dos começos, ligado às histórias que contam a origem da humanidade, que oferecem modelos de comportamento e que orientam as pessoas na busca de respostas as suas angústias mais profundas, como a vida e a morte.

Marcondes Filho (1988) atribui a isso o enorme poder de audiência que a TV consegue de seu público, já que normalmente, as pessoas vivem em dois mundos: um deles, é o mundo das obrigações, dos compromissos, das responsabilidades, dos deveres, enfim, é o mundo real, caracterizado por ações práticas, por atividades produtivas realizadas dia-a-dia, através do esforço cotidiano; o outro, é o mundo da imaginação, da fantasia, do sonho, é puramente mental, interno e subjetivo. Este segundo mundo é que é vivo, criativo, inovador, é praticamente ele que impulsiona e move o mundo real, servindo como combustível para a realização das obrigações diárias. Maquiavel (1979)³ já afirmara isso, dizendo que a razão é que permite o homem planejar, pensar, agir e criar, porém é a paixão (o lado emotivo do ser humano) que dá força e nos estimula na realização de nossos desejos. E a televisão com suas imagens entra justamente aí, no nível das fantasias. "Para o homem, mesmo em sua vida cotidiana, estas duas dimensões são inseparáveis: eliminar qualquer uma delas é condená-lo a uma vida diminuída" (Teixeira Coelho in Novaes, op. cit., p.111).

A programação televisiva é basicamente constituída por imagens e "a imagem é um dos modos pelos quais a consciência apreende o mundo e o elabora" (Idem, p.110), como também, "é uma ponte de ligação entre o homem e seu imaginário" (Marcondes Filho, op. cit., p.10). O imaginário se organiza por meio de símbolos, ele não é irreal, é uma dimensão que existe

³ Nicolau Maquiavel em sua obra: O Príncipe.

no homem, paralelamente à dimensão do real, é a representação que se faz de si mesmo e das relações de existência no mundo, é o que impulsiona esperanças, vontades, desejos, que não existem só no indivíduo e apenas para ele, mas para o social, o coletivo.

Bettelheim (1980) nos mostra que, encontrar o significado da vida é, para o homem, sua maior necessidade e, portanto, sua tarefa mais difícil. Talvez, seja nesse sentido, de auxiliar as crianças nesse busca de sua própria identidade que os desenhos animados de televisão se constituem como a programação preferida pelo público infantil. Eles são caracterizados por um mundo de fantasia e humor, por imagens em ação, diálogos e sons, por trocas incessantes de personagens e cenários coloridos, e "é realmente o mundo por excelência onde tudo é possível" (Fischer, op. cit., p. 60). Eles se utilizam de uma linguagem simbólica, falam a linguagem infantil porque neles foi abolida a racionalidade do mundo adulto, e nesse sentido, é a mesma linguagem dos mitos mais antigos, dos contos de fadas, dos rituais das sociedades primitivas, e portanto, passível de identificação por parte do público infantil.

De acordo com Borrego de Dios (no prelo), os desenhos animados contam com uma linguagem audio-visual potentíssima para captar a atenção das crianças, alcançando sua mente e sensibilidade, permitindo a criança identificar-se com os personagens, seus conflitos e problemas. Os desenhos animados distraem, divertem, mas sobretudo, socializam as crianças, pois, permitem-nas participar de formas culturalmente aceitas e pré-concebidas de compreender a si mesmo, aos outros, e ao mundo social.

Porém, "antes da televisão, os adultos ocupavam-se em contar histórias, aventuras e contos de fada povoados de personagens estranhos e dotados de poderes extraordinários, de muitas qualidades ou grande maldade. Os acontecimentos sucediam-se com a oposição das forças do Bem contra os poderes do Mal, que eram sempre vencidos, apesar das artimanhas realizadas. Os meios de comunicação social, sobretudo a televisão apenas alargaram esse caminho em direção ao fantástico, ao maravilhoso e ao gigantesco, apoiando-se nos mitos já existentes nas várias culturas humanas. Entretanto, o emprego dessas técnicas sofisticadas do audiovisual não detém o monopólio do imaginário das crianças" (Bastos, op. cit., p.96), uma vez que uma história infantil bem contada com o uso do livro de imagens

e uma dramatização dos diálogos, faz com que qualquer criança esqueça logo as atrações mostradas pela televisão para acompanhar atentamente a narrativa, demonstrando assim, o interesse infantil por tudo aquilo que alimenta a sua imaginação e a faz entrar em contato com um mundo maravilhoso onde acontecem tantos fatos curiosos e divertidos. "Uma história bem narrada evoca nas crianças imagens mentais e as entretém" (Idem, p.96).

Segundo Bettelheim, "para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro" (p.13).

As crianças são convidadas, através das histórias, tanto as telenarradas como as contadas por uma pessoa de seu convívio (ou mesmo lida por elas próprias) a identificar-se com um de seus protagonistas - se há mais de um, a criança procura o de maior destaque e do mesmo sexo que o seu. A criança tende a se identificar e a querer ser o mocinho das histórias, aqueles que são fortes, corajosos, bonitos, de bom caráter, defensor de seu povo e querido pela sociedade, e não os vilões, geralmente representados por seres não humanos e com feições monstruosas; esses nunca desistem de lutar pelos seus objetivos, e por mais que tenham poderes e forças extraordinárias são derrotados, a cada batalha, pelos heróis do bem. Quando representam o mal, homens e mulheres são em sua maioria feios, com roupas, penteados, acessórios e habitat sombrios, de cores escuras como o preto, o azul escuro mesclado com o cinza; possuem animais maldosos, destruidores, como corvos e abutres. Diferentemente, os heróis e heroínas do bem são sempre belos, de vivacidade invejável, trajam roupas leves e muito coloridas, são acompanhados por animais ou seres inanimados que recebem vida e inteligência (por mais que esta seja limitada), como cavalos, duendes, etc.⁴

⁴ Essa questão das cores e das formas que os seres fantásticos tomam nas histórias foi apresentada no seminário "O Jogo e a Literatura Infantil", realizado na USP, em abril de 1997, pelo professor Jean Perrot da Universidade Paris-XIII.

Ao presenciar uma narração que toque tanto seu lado racional como emocional, a criança começa a fantasiar sobre um segmento contado que possa auxiliá-la na resolução e superação de seus conflitos internos. As histórias, então, arremessam-na a um mundo fabuloso, mas no final, trazem-na de volta à realidade, pois, mesmo se utilizando de poderes extra terrestres, de armas maravilhosas, da ajuda de seres fabulosos, os protagonistas sempre retornam a sua condição inicial de pessoa comum. E por mais que os heróis se utilizem de violência para alcançarem seus objetivos, eles só são agressivos e violentos vistos aos olhos dos adultos, pois para as crianças, tudo não passa de muito humor e diversão. É mesmo que as crianças considerem que seus personagens preferidos sejam agressivos, eles não se apresentam como anti-sociais, pois se utilizam da violência para defender a Terra, a humanidade, enfim, eles lutam em benefício de todos e contra os malfetores que tentam destruir a paz e a ordem sociais. Bill Hanna acredita não haver nada de errado com os desenhos animados que evocam cenas violentas, pois, neles, essa violência é do tipo de fantasia irreal, e muitas vezes cômica.

Rezende (1987) acredita que "o espetáculo televisivo deve permitir ao espectador a evasão, o êxtase diante do belo, instantes de felicidade, mas o caminho de volta ao real deve permanecer aberto" (p.4). Ou seja, momentos de identificação e projeção diante das cenas vistas na TV e mesmo fora dela, não são prejudiciais a ninguém, pelo contrário, essa relação entre real e imaginário é de suma importância ao ser humano, no entanto, precisamos saber equilibrar esses dois aspectos; deixar que a fantasia nos domine um pouco, com tanto que não permaneçamos presos a ela permanentemente.

televisão e escola

De acordo com Marcondes Filho (1988), a inovação tecnológica iniciada há 40 anos, mas progressivamente ampliada e acelerada a partir dos últimos 20 anos, introduziu mudanças significativas em nossa cultura. Nos anos 60, a TV ainda não tinha desenvolvido sua linguagem específica; crianças e jovens assistiam muito pouco à televisão, ou ainda não a possuíam, sua influência, portanto, era pequena e não ameaçava o ensino escolar, como hoje se acredita que ela o faça. Já a geração dos anos 70 e 80 vive profundamente sob a inovação lingüística da TV, somada à revolução mundial das comunicações e às rápidas transformações derivadas da informática e da computadorização.

Além de estarem imersas nesse mundo de tecnologias, as crianças brasileiras estão assistindo, em média, cerca de três a quatro horas por dia de televisão, e muitas delas passando mais tempo diante do aparelho do que na escola. Ante essa realidade, Samuel Pfromm Netto⁵ (1977) acredita que a televisão está se tornando uma segunda escola, uma verdadeira "escola paralela" (Apud Teixeira, 1987). E dentro do sistema de ensino esse choque é inegável. "Os professores, educados em outra época - alguns ainda voltados à imagem da aula como uma atividade de discussão e polêmica - vêem-se perplexos diante da nova realidade: *a televisão instalou-se como uma desleal concorrente da atividade escolar*" (Marcondes Filho, op. cit., p.103).

Marcondes Filho considera que tal concorrência surge, primeiramente, pela forma com que a TV transmite informações e pelo dinamismo e brilho com que faz isso. Sua linguagem e suas imagens curtas e com trocas rápidas instauram um novo ritmo de atividade mental, dando a impressão de novo, de modernidade. Já o professor, é visto como velho, antiquado, como o representante clássico da educação que tem pouco a ensinar, e que cobra demais de seus alunos. E a TV, ao mesmo tempo que fala sobre tudo, num espetáculo de sons, cores e imagens, não cobra nada de seu público. Vê-se instaurada, portanto, a dualidade entre o concreto, caracterizado pela aula do professor, e o abstrato, formado pelas imagens televisivas. Ao assistir TV, o

⁵ Declaração feita durante o 1º Simpósio Nacional sobre Televisão e Criança, realizado em São Paulo, em agosto de 1977.

telespectador tem a impressão de que tem controle sobre a informação recebida, de que pode receber quaisquer conhecimentos sem precisar da mediação do educador; não se dando conta, no entanto, de que está subordinado à orientação, à escolha de temas e à ideologia imposta pelos programas ou mesmo pela emissora.

Vê-se, portanto, que são vários os motivos que levam a TV a "vencer" a concorrência com a escola: "é mais ágil, mais imaginativa, é mais colorida e barulhenta, é veiculadora do novo, do que está em moda, libera as pessoas da submissão à presença física do educador, permite liberdade de escolha supostamente maior, aparenta dar mais informações, preenche o imaginário com signos de cultura, dá espaço ao individualismo, ao isolamento, ao 'não me amole', coloca a superficialidade e amenidades no lugar da reflexão e da autocrítica. Ela reforça uma tendência à acomodação e à não-participação. Entretanto, exerce um fascínio e uma atração que a aula não consegue obter" (Marcondes Filho, op. cit., p.105).

Maria Helena Souza Patto (1977) ao se referir à televisão diz acreditar que tudo o que acontece na televisão é educativo, no entanto, a televisão induz ao consumismo e insensibiliza o ser humano diante das catástrofes humanas, porque as catástrofes e a violência se transformam em produtos a serem consumidos diariamente e esquecidos em seguida. Para ela, a televisão "Mata a capacidade de questionar e refletir. Impõe uma visão de mundo" (Apud Teixeira, op. cit., p.30). E Tatiana Berlink⁶ afirma que: "A televisão assim como o cinema, o teatro, quer queira, quer não, educa. Educa para frente, para trás, para a esquerda, para a direita, mas educa. Educa conforme, informa, desinforma, às vezes forma alguma coisa" (Teixeira, op. cit., p.31).

Para Marcondes Filho "pensar e fazer pensar não são efetivamente preocupações da TV" (p.105). Melo (1981) ratifica tal colocação: "a nossa TV é predominantemente um canal de propaganda e subsidiariamente um meio de diversão. Informação, educação e cultura são itens marginalizados na sua programação" (p.41). Ele acredita que o efeito "babá eletrônica" pode prejudicar as crianças por sua incapacidade dialogal, pela sua ausência de

⁶ Produziu programas educativos para a televisão paulista, juntamente com Júlio Gouveia, nas décadas de 50 e 60. Declaração feita durante o 1º Simpósio Nacional sobre Televisão e Criança, realizado em São Paulo, em agosto de 1977.

feedback (comunicação de retorno), cristalizando no receptor uma atitude passiva e acrítica.

Porém, Joan Ferrés Prats (1996) acredita que a TV só é nociva quando não se está preparado para assisti-la, e que uma escola que não ensina como assistir à televisão é uma escola que não educa. E para solucionar essa questão da concorrência entre TV e escola, ele acredita que não se deve suprimir a escola nem a televisão, mas sim, adaptar a escola às novas exigências sociais e culturais impostas pelo constante avanço tecnológico e, além de ter que ensinar seus alunos a assistir TV, a escola deveria inseri-la no sistema educacional como mais um meio para educar e não como um concorrente do professor.

Temos que admitir que vivemos num mundo onde a TV impera trazendo o novo e impondo consumos, assim como, nos adaptar à idéia de alunos assíduos a sua programação e "educados pelo teleconsumo", ou como diria Erausquin (1983), alunos "teledependentes". Verifica-se, portanto, pela forma como a TV está presente na sociedade atual, aboli-la não é tarefa fácil, e nem é a solução. E uma vez que ela está tão maciçamente presente na vida das pessoas, por que não tirar proveito disso? Por que não tomar os "aspectos negativos" da TV e utilizá-los na educação das crianças de forma "positiva", contribuindo para um olhar mais crítico e seletivo das crianças? Talvez um caminho seja tentar tirar a televisão dessa posição de competidora que lhe foi atribuída, que concorre com a nossa escola tradicional na divulgação e na construção do conhecimento, para mantê-la num ponto de convergência com o sistema educacional, conciliando seu fascínio com a "aridez" da escola a fim de que, juntas, caminhem em benefício de sua clientela e da sociedade de um modo geral.

No desenvolvimento do presente trabalho foram configurando-se situações particularmente significativas no interior da escola pesquisada, que propiciaram não só a escuta das crianças sobre a TV, mas reflexões e análises sobre o comportamento dessas crianças durante e a partir da transmissão de filmes, via televisão, na própria sala de aula, as quais parecem indicar que a proposta acima explicitada seria viável.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Contato com a Instituição / Escolha da turma

Como estabelecido no projeto de pesquisa, o contato com a Instituição e a escolha da turma a ser pesquisada se concretizaram no mês de Agosto do ano de 1996 (mês e ano em que teve início a execução do presente trabalho).

Pretendia-se, como objetivo inicial, realizar uma pequena pesquisa nas instituições pré-escolares públicas do município de Campinas - Estado de São Paulo - a fim de selecionar uma turma onde a televisão fizesse parte do cotidiano das crianças na faixa etária dos 6 anos, e que contasse também com a aceitação da coordenação da instituição, e a possível compreensão e colaboração do docente na execução do trabalho.

Entretanto, por já ter feito alguns trabalhos de observação e estágios na E.M.E.I. Agostinho Páttaro, localizada próxima à Unicamp, resolvi começar essa pequena pesquisa lá mesmo. Conversei, então, com duas professoras, ambas demonstraram interesse em ajudar-me, aceitando que eu desenvolvesse a pesquisa em suas salas. No entanto, optei pela sala da professora Luciene Mastrandrea, pois suas crianças estão na faixa etária entre 5 e 7 anos, enquanto que as crianças da outra professora têm 3-4 anos.

Na mesma semana, conversei com a diretora da E.M.E.I. Agostinho Páttaro, falando do projeto e explicando que eu já havia conversado e acertado tudo com a professora Luciene. A diretora concordou, entreguei a ela, então, uma carta de apresentação, bem como uma cópia do projeto de pesquisa para serem arquivados junto à documentação da escola. A professora também recebeu uma cópia do projeto.

Caracterização da Classe

A rotina da turma estudada se diferencia das demais classes, logo de início, na entrada da escola: conforme vão chegando, as crianças ficam por ali esperando as professoras chamarem e já vão se organizando em fila. Quando chega a hora de entrar, a professora Luciene só chama e elas vão rapidamente entrando na sala, enquanto as outras exigem que as crianças entrem em fila. A professora considera que não há necessidade de fazer fila para se encaminharem, todo dia, ao mesmo local; ela apenas os orienta para que não corram e não empurrem os colegas.

Logo no início da aula é feita uma roda, onde as crianças têm liberdade para falar o que quiserem: nas segundas-feiras, normalmente elas falam mais, pois relatam seu final de semana; já no meio da semana, elas trazem poucos assuntos novos, então, a professora orienta a conversa para algum tema que ela ache conveniente estar trabalhando naquele momento. É de bastante importância essa abertura para as crianças falarem o que desejam, sem ser necessariamente algo relacionado à escola: é um momento privilegiado onde elas têm liberdade para se expressar através da fala.

É sempre depois da roda que as crianças escolhem os "ateliês" em que querem trabalhar. A professora procura organizar as atividades relacionadas ao assunto do dia, tentando variar os instrumentos de trabalho a cada dia durante a semana, mas quem determina as atividades é ela, apesar de respeitar as vontades das crianças; se elas trazem algo novo que desejam trabalhar, ela faz o possível para concretizar a atividade. As crianças têm autonomia para escolher com quantas e em quais atividades querem trabalhar, a professora só pede que não deixem trabalhos pela metade antes de irem para outro.

As atividades desenvolvidas nos ateliês são: desenho com lápis de cor, giz de cera, canetinha, guache, entre outros meios que ela traz para variar as atividades (giz, giz de cera derretido, papel crepom, etc.); recorte de revistas, livros, rótulos, etc., sempre relacionados ao assunto do dia; colagem do material anterior ou outros, como folhas, flores, insetos mortos, etc.; trabalham com sucata, e a professora orienta o tempo todo os trabalhos a fim de mostrar às crianças as várias possibilidades de se trabalhar com os mesmos materiais, desenvolvendo nelas, assim, a noção de que são

capazes de, a cada dia, criar algo novo. Às vezes direciona as atividades, às vezes não. Por exemplo, na semana do folclore, todas as crianças fizeram um saci-pererê com sucata. Jogos são bastante enfatizados com o objetivo de desenvolver o raciocínio, a socialização e a cooperação entre as crianças; há também a garagem, que é uma brincadeira que se dá fora da sala com carrinhos e tábuas de madeira; atividade com água que acontece tanto na piscina como com a mangueira e a professora também põe maiô para brincar junto às crianças, esse horário substitui a ida para o parque; no parque, as crianças estão no momento em que mais brincam, ao mesmo tempo que também brigam, mas a professora sempre está supervisionando e, quando necessário, chama a atenção individualmente, cuida para que não se machuquem e nem danifiquem a natureza presente no local (o parque será melhor descrito logo a seguir a fim de proporcionar ao leitor uma melhor compreensão das situações que lá ocorreram e que aqui serão relatadas); há um computador na sala com o programa Logo, o qual é pouco orientado pela professora, pelo grande número de crianças na sala (28 crianças ao todo), gerando muitas vezes frustrações nas crianças por não conseguirem sozinhas executarem seus planos; há ainda pintura com tinta guache e água; modelagem com massinha pronta ou feita na própria escola com trigo e anilina; há o momento do faz de conta e da casinha que se dão num espaço onde se encontram roupas e sapatos usados e móveis de brinquedo; são as crianças que escolhem qual dos dois preferem trabalhar no dia; a tecelagem que se utiliza de uma tábua pequena com agulha e lã, onde são confeccionadas pulseiras; hora da leitura num canto com uma estante de livros, carpete no chão e almofadas - a professora não interfere deixando as crianças explorarem sozinhas os livros. Após terminarem as atividades nos ateliês elas relatam o que fizeram naquele dia, enquanto a professora registra tudo num livro da turma. Nele as crianças têm liberdade para também desenharem e escreverem. É como se fosse um diário da turma confeccionado por todos.

Todas as crianças possuem um caderno, onde são passadas atividades em papel mimeografado, relacionadas à escrita e à matemática. Há sempre um momento na aula para fazerem tal tarefa, e, para os alunos que solicitam, ela passa mais atividades para fazer em casa; a professora não tenta igualar as crianças num mesmo nível, pelo contrário, respeita o tempo e o nível cognitivo de cada uma, dando tarefas muitas vezes diferenciadas para cada aluno.

Com relação ao comportamento, as crianças são bastante ativas, falam muito, expressam-se o tempo todo, questionam, respondem, enfim, elas são bem livres para se manifestar nas aulas. A professora sente nessa liberdade de expressão a importância para um melhor desenvolvimento dos pequenos, livres de repressões excessivas, bem como inoportunas broncas. Ela valoriza muito a autonomia das crianças, sua liberdade de ação e de expressão.

A sala de aula não é muito grande, mas comporta bem: a professora, os 14 meninos e as 14 meninas, mesas, cadeiras, armários com materiais acessíveis às crianças, lousa, diversos brinquedos, livros, computador. Sempre que possível a televisão e o vídeo cassete são levados à sala para as crianças verem desenhos e filmes que elas mesmas levam e pedem para lá assistirem. Depois que assistem, conversam sobre o programa, e não hesitam em elogiar e mesmo criticar a programação; primeiro a professora deixa que as crianças falem, posteriormente, ela dá a sua opinião, orienta sobre as cenas e os personagens mais enfocados e ainda compara a outros programas de TV, o que acaba por desenvolver nelas um visão crítica com relação aos vários programas infantis transmitidos pelo sistema televisivo.

Descrição do Parque

O parque da E.M.E.I. Agostinho Páttaro é bastante grande, possui muito verde, bananeiras e árvores bem antigas que dão sombra a uma casinha feita de madeira e que possui um escorregador, a dois parquinhos compostos por gangorras, balanças, girador, trepa-trepa e tubos de canalização de esgoto onde as crianças costumam brincar de faz de conta e esconde-esconde. Ele é composto também por uma vasta área gramada onde as crianças podem correr à vontade e jogar futebol, além de possuir uma piscina e uma área para horta. Em sua parte central existe uma espécie de teatro de arena onde ocorrem espetáculos e eventuais festas, e uma grande mesa com bancos cobertos. Tudo isso se encontra ao ar livre, mas como o espaço é bastante arborizado, não há problema de as crianças ficarem excessivamente expostas ao sol.

PESQUISA de CAMPO: ANÁLISES e DISCUSSÕES

Como previsto no cronograma do projeto de pesquisa, o trabalho de campo foi desenvolvido nos meses de Setembro a Dezembro do ano de 1996. As visitas realizavam-se, normalmente, uma vez por semana (às 5^{as} feiras) no período da tarde; a não ser quando havia reuniões, feriados ou eventuais imprevistos no dia estabelecido, ou não ocorriam as observações ou eu me dispunha a ir à escola outros dias, mas sempre procurando estar lá pelo menos uma vez a cada semana.

Durante esse período, o contato com a turma se fez pela presença da pesquisadora na sala através da observação participante, caracterizada por conversas informais com as crianças, pela observação de suas ações e falas, alguns momentos onde se instigou o falar sobre desenhos animados de televisão e filmes infantis mas, principalmente, pela mediação da professora.

Os registros do trabalho empírico efetuaram-se basicamente pelo diário de campo e através da câmera filmadora. Um questionário encaminhado aos pais também foi utilizado no sentido de complementar as informações.

No total foram realizadas 12 visitas, sendo registradas em diário de campo e uma em câmera filmadora. Em algumas delas, os registros foram prejudicados pelos seguintes fatores: presença da professora substituta ocasionada pela ausência da Luciene; entrega e recolhimento dos questionários aos pais; televisão da escola e filmadora quebradas - motivo esse que possibilitou-nos uma única filmagem.

Mesmo com todas as limitações e dificuldades que apareceram na realização do trabalho de campo, pudemos identificar algumas situações, no conjunto

dos registros, que tiveram maior relevância para o tema em questão e foram, portanto, destacadas para análise. Tais situações serão apresentadas e analisadas dentro de três grandes momentos:

1. Aproximações; observações e conversas com as crianças -
Registros em Diário de Campo;
2. Posicionamento dos pais com relação à programação de TV -
Questionário encaminhado aos pais;
3. Programação de TV na escola; identificações e posicionamentos das
crianças - Registro em Vídeo.

1. Aproximações; observações e conversas com as crianças - Registros em Diário de Campo

No início do trabalho de campo, logo na primeira visita fui apresentada à classe pela professora, que disse às crianças que eu iria estar com elas todas às 5^{as} feiras, no período da tarde e que eu gostava muito de desenhos animados, porém as crianças estavam bastante agitadas pelo desfile que logo mais haveria na rua, do qual elas iriam participar e, apenas falaram nomes de alguns desenhos. Foi aí que a intermediação da professora se fez bastante interessante na medida em que levantou o tema e me deixou à vontade para conversar com as crianças, como fica ilustrado no Diário de Campo:

"...Como o meu objetivo nessa primeira visita era o de me apresentar à turma e apenas observar o desenrolar das atividades, as reações e relações das crianças, não me senti preparada para conversar com elas sobre o tema do meu projeto de pesquisa: desenhos animados de televisão.

Todavia, a Luciene, se mostrou muito empenhada em me ajudar - o que muito me agradou, dando um certo conforto e até segurança, ela disse às crianças que eu gostava muito de desenhos animados e pediu a elas que me contassem os desenhos que elas assistem, quais elas mais gostam, etc. Mesmo assim, por estarem bastante agitadas com o desfile que aconteceria dali a minutos, poucas se interessaram pelo assunto. Algumas acabaram por dizer nomes dos seus desenhos preferidos como: Pica-Pau, Perna Longa, Power Rangers, Doug, entre outros menos conhecidos.

Apenas a Viv e o Dav aproximaram-se de mim para falarem de seus gostos. Enquanto o Dav ouvia, a Viv ia citando nomes de desenhos, não parou de falar um minuto, dizia sobre as travessuras do Pica-Pau comparando-as com as do Perna Longa, pois, ambos são bastante espertos e ágeis, aprontam todas com os outros personagens e quase nunca sofrem as consequências disso. Riam muito durante seus relatos, e seus olhos mostravam que eles se remetiam aos episódios para contarem os fatos - é difícil expressar essa sensação que tive, mas é que seus olhos

pareciam estar diante da TV naquele momento ou mesmo dentro da cena com os personagens, porque tudo era dito com muita fidelidade aos capítulos, e, os risos e a agitação de seus corpos faziam parecer que estavam vivenciando tudo aquilo junto com os personagens.

Esse foi o grande momento do dia onde pude sentir e otimizar que meu trabalho de investigação, apesar de difícil, será possível de realizar-se." (registro do dia 05 de setembro de 1996).

A partir dessa primeira conversa, pude certificar-me que realmente aquelas crianças assistem e gostam dos desenhos animados transmitidos pela televisão. Por assistirem os desenhos na parte da manhã, período em que não se encontram na escola, seus gostos não variam muito. Pelas suas falas, obtive os primeiros indícios que, de modo geral, os meninos preferem assistir os desenhos que enfatizam a violência contra a vida humana e como o meio mais rápido para se alcançar objetivos, como Power Rangers; já as meninas preferem aqueles em que não há violência ou aqueles em que a violência faz parte da diversão dos personagens, como Doug, Pica-Pau e Perna Longa.

Na visita seguinte, foi possível observar um grupo de crianças brincando sobre os heróis dos Power Rangers. Elas estavam no parque, que é o lugar na escola, onde elas têm mais espaço e maior liberdade para correr, pular e brincar. Vejamos o registro:

"...no parque, observei um grupo composto por quatro meninos (Tar, Joh, Gus e Már), e uma menina (Tai), que conversavam sobre os heróis dos Power Rangers, sobre quem era quem, num jogo simbólico de atribuição de papéis - eu estava um pouco distante deles, mas conseguia identificar os nomes dos personagens. Depois disso, corriam por todo lado, lutando uns com os outros, falando frases, nas quais pude perceber, características dos desenhos. Tentei me aproximar mais, no entanto, nesse mesmo minuto, um dos garotos, o Gus, começou a lutar de verdade, batendo nos colegas, os quais se rebelaram numa tentativa de excluí-lo da brincadeira. Então, justamente nessa hora em que eu me aproximei deles, com a intenção de observar mais de perto seus gestos e falas, o faz de conta foi

interrompido, pela necessidade concreta de se defender do companheiro agressor" (Diário de Campo, registro do dia 12 de setembro de 1996).

Temos aqui, uma situação concreta onde as crianças brincam de heróis dos desenhos animados e um dos garotos manifesta uma reação agressiva contra os colegas. Isso tudo ocorreu enquanto as crianças estavam no parque da escola, ou seja, não foi preciso estar em presença da televisão para iniciarem sua brincadeira, mesmo que esta fosse sobre os heróis dos desenhos animados de televisão, como também, não foi preciso estar diante da TV para Gus reagir agressivamente. Isto quer dizer que o brincar e o agir violentamente aconteceram independentemente da presença da televisão. Não foi a TV em si que gerou a violência em Gus, não foi frente à TV que começou a agressão contra os colegas, mas a partir da própria brincadeira com eles. Não se pode afirmar que a agressividade do garoto tenha vindo como uma consequência direta dos desenhos que assiste, ele poderia ter sido violento em qualquer outra situação, sem que a TV estivesse direta ou indiretamente relacionada. Muitos podem ter sido os fatores determinantes de seu comportamento, os quais, não necessariamente, se referem à programação de TV ou ao próprio desenho.

A que podemos atribuir a manifestação de tal agressividade na criança? Podemos "localizar" a violência? Situá-la em esferas específicas da vida diária? Ou atribuí-la a um "simples" reflexo das relações sociais, em geral? Existem motivos mais imediatos que desencadeiam esse comportamento? Raiva? Disputa? Medo? Provocação? Desafio? Auto-afirmação? Relações de poder?

Um indicativo do gosto que as crianças têm pela imagem audiovisual, ocorreu quando eu não estava presente e uma criança levou até à escola uma fita de vídeo do filme *Os Cavaleiros do Zodíaco*: todos quiseram assisti-lo, o filme foi então passado e uma conversa sobre o mesmo ocorreu, conforme vemos em registro de Diário de Campo.

"...Uma das crianças levou uma fita de vídeo do filme Os Cavaleiros do Zodíaco, para que assistissem na classe, de acordo com relato da professora, pois nesse dia eu não estava presente. Depois que assistiram ao filme, a professora iniciou uma conversa

sobre o mesmo, estimulando a fala das crianças. Todos participaram falando do que mais gostaram, do que não lhes agradou; os gostos não variaram muito, em sua maioria consideraram as cenas bastante violentas (o tema violência foi levantado pelas próprias crianças), com muita pancadaria, sangue e mortes, mas mesmo assim, assistiram o filme até o final, atentando para os detalhes, os quais, posteriormente, foram descritos com perfeição, demonstrando um certo poder de crítica e discriminação das cenas de violência do filme" (Relato da professora registrado em Diário de Campo no dia 19 de setembro de 1996).

É interessante ressaltar essa iniciativa das crianças em falar das cenas violentas do filme, pois quem normalmente vê violência nas produções televisivas indicadas ao público infantil são os adultos, já que para as crianças tudo não passa de muita diversão e aventura. E elas não só falaram, como foram capazes até de discriminar as cenas onde a violência só aumenta o humor (como nos desenhos de Pica-Pau e Perna Longa) daquelas onde a violência ameaça a preservação da vida, como é o caso dos Cavaleiros do Zodíaco, assistido por elas nesse dia.

As crianças falaram que o filme tinha cenas agressivas e que no geral era violento, sem que a professora tocasse nesse ponto. Talvez essa iniciativa das crianças em falar das cenas violentas venha justamente da noção que elas têm de que, apesar da violência existir no filme e estar sendo mostrada de forma explícita, ela não é algo "correto", algo "aceito" pelas normas e regras estabelecidas em nossa sociedade, e que acima de tudo, ela não está presente apenas na televisão, mas em muitos aspectos da vida social.

Mas por que será que mesmo considerando a violência como algo "errado", elas gostam tanto de assistir programas de televisão com cenas de violência? Por que será que as pessoas, de modo geral, recriam os comportamentos violentos e as cenas violentas da TV, e mesmo assim continuam assistindo-as? Se a violência é tão recriada, por que os programas de TV com cenas de violência são tão assistidos, inclusive são os que têm maiores índices de audiência?

Uma hipótese a ser considerada é o fato de as cenas de violência estarem sendo praticamente impostas ao público através das chamadas de filmes, noticiários, durante os intervalos comerciais. Mesmo que não se deseje assistir programas com agressividade, desviando nossa atenção a outros tipos de programas, a violência passa pelos nossos olhos, chamando nossa atenção, atraíndo-nos para a programação violenta que logo mais será transmitida. Há um modo subliminar de funcionamento da programação que se instala no cotidiano e passa a permear as relações e as vidas das pessoas.

Uma suposição que podemos levantar para justificar o excesso de programas brutais transmitidos pela televisão pode vir justamente da sociedade, pois a cada dia que passa esta se torna mais violenta, não só no sentido da agressão física, mas também da violência moral, vinda do preconceito, da discriminação, da pobreza, da injustiça, que também são transmitidos pelos noticiários e jornais, os quais as crianças também assistem.

Uma vez que vivemos num mundo violento, a TV só faz por reproduzir essa brutalidade em seus programas? Ou a TV também cria e propaga violência? Há diferença entre assistir desenhos animados e filmes que enfatizam a violência e assistir os noticiários que também trazem a violência cotidiana para dentro de casa? (Isso, sem falar na violência que pode estar sendo não só "assistida", mas vivida pela criança!). Não nos propomos a responder a essas perguntas nesse trabalho. Mas o enfrentamento e o estudo da questão nos levaram a formular essas indagações que provocam um redimensionamento do problema originalmente apresentado e que poderão nortear futuras investigações. Diante desta problemática, como será que se posicionam os pais com relação à programação assistida por seus filhos?

2. Posicionamento dos pais com relação à programação de TV - Questionário encaminhado aos pais

A princípio, o questionário que seria encaminhado aos pais ou responsáveis foi elaborado para saber qual o tempo que as crianças passam diante da TV, quais seus desenhos animados e personagens preferidos e se as crianças costumam enfatizar tais preferências em brincadeiras e conversas. No entanto, essas respostas foram sendo passadas pelas próprias crianças, ao longo das visitas, não havendo, portanto, a necessidade de recorrer aos pais para sabermos disso.

Porém, a partir do relato de uma mãe feito à professora, dizendo que seu filho passa o dia todo em frente à TV e que ela atribui a violência do filho aos programas violentos que ele assiste na TV, é que eu e a professora achamos conveniente entregar um questionário aos pais, mesmo que já fosse final de ano e o período de aulas estivesse quase terminando. Foi necessário então, reelaborar o questionário inicial, pois, este não mais atendia às expectativas do trabalho, e, formular um outro que incluísse questões referentes ao posicionamento dos pais com relação à televisão e à possível influência de sua programação sobre seu filho ou filha.⁷

Como os questionários só foram aplicados durante o mês de Dezembro, houve um pequeno retorno deles (dos 28 entregues, retornaram apenas 13), pois já era final de ano e algumas crianças esqueciam de entregá-los e não havia mais tempo para recuperá-los. Mesmo assim, foram obtidas respostas interessantes e bastante significativas para as questões que o presente trabalho se propõe a estudar.

Não foi pedido para que os pais assinassem a folha de respostas a fim de não causar qualquer constrangimento a eles, mas acredito que a maior parte deles, senão todos, foi respondido pelas mães, pois são elas que, normalmente, acompanham mais de perto o cotidiano e o que se relaciona à escolarização de seus filhos. Diante de tal hipótese, justifico, em algumas

⁷ A primeira versão do questionário (conforme encontrado no projeto de pesquisa) e a versão encaminhada aos pais se encontram a seguir no Anexo 1 e 2, respectivamente.

vezes, o uso da palavra "mãe" para quando for me remeter à pessoa que respondeu o questionário.

Dos 13 questionários devolvidos, 8 deles são das meninas e 5 dos meninos. Nesses 13 todos os pais afirmaram que seus filhos assistem televisão, e a duração do tempo em frente a TV varia de 3 horas por semana a 10 horas por dia:

- os meninos costumam assistir de 2 a 10 horas por dia;
- as meninas assistem de 3 horas por semana a 4 horas todo dia.

Todas as crianças assistem desenhos animados. As preferências não variam muito e, segundo seus pais, não costumam conversar sobre eles, mas brincam tanto sozinhas como com outras crianças, utilizando os personagens, os heróis e trechos de enredo dos desenhos.

Quanto à possível influência que os pais acreditam que a TV possa ter sobre seus filhos, a fim de facilitar uma posterior análise dos dados, resolvi organizar as respostas dos pais ou responsáveis pelo nível de influência que eles consideram que exista. O sexo da criança foi representado pela letra "A" para as meninas e pela letra "O" para os meninos, e apresentado entre parênteses, juntamente, com a quantidade de horas que a criança dedica, por dia, a assistir televisão.

Posto isto, vamos as respostas:

"Não, pois nem sempre ela assiste aos desenhos." (A - 2 horas);

"Acho isso indiferente." (A - 2 horas);

"não influencia - indiferente para a criança" (O - 5 horas),

Podemos notar que nessas 3 respostas as mães não consideram que a televisão possa influenciar seus filhos, mesmo que o tempo varie de 2 a 5 horas por dia diante da televisão.

"Acho que acaba influenciando um pouco, não acho que seja p/ o bem, isso é relativo. considero nocivo." (A - 3 horas por semana).

Mesmo que a filha assista pouca televisão se compararmos às outras crianças, essa mãe acredita que a televisão possa influenciar e de forma negativa. Já outras mães acreditam num lado educativo da televisão:

"Sim, Eles podem aprender a fazer tais desenhos, brinquedos, palavras certas experiências com isso ela vai aprendendo." (A - 3 a 4 horas);

"As vezes os desenhos são educativos. por isso não considero ruim" (O - mais ou menos 5 horas);

"Todo desenho educativo e bom, já os desenhos violento não é recomendavel" (O - 2 horas);

"Sim, depende do desenho, se for desenho de luta isso pode ser ruim, porque aí elas vão querer fazer a mesma coisa." (A - das 8:30 às 11 horas);

"Sim, não gosto que ela assista desenhos de violência" (A - 1 hora);

"não gosto de alguns desenhos de luta, eles ficam lutando." (O - manhã toda),

Mas mesmo considerando o lado educativo da TV, no caso, um lado positivo, algumas mães também reconhecem que nem sempre os desenhos são educativos, pois podem enfatizar a violência e elas não recomendam os desenhos de violência, porque as crianças *"ficam lutando"* e podem *"querer fazer a mesma coisa"* e isso é ruim, desde aquelas que ficam apenas 1 hora em frente à TV, até aquelas que passam a manhã toda.

As mães citadas acima não gostam que os filhos assistam os desenhos violentos, assim como as mães das últimas 3 respostas trazidas logo a seguir:

"Eu particularmente acho ruim para criança mais estou cortando aos pouco" (O - 10 horas);

"Minha filha não assiste todos os desenhos que passa, eu faço uma seleção pois tem desenhos que são da nova era e outros que podem influenciar mau as crianças, deixando-as violentas. E outros desenhos que tem personagens estranhos com nomes que não devem fazer parte do vocabulário das crianças." (A - aproximadamente 3 horas);

"Eu acho que não só os desenhos podem influenciar na vida das crianças, mas sim toda a programação vista por eles. Por isso em casa, as crianças assistem a Rede Cultura e eu não deixo-os ver desenhos violentos ou agressivos, pois indiretamente eles teriam espaço na vida das crianças; em suas brincadeiras e imaginação."
(A - de 2 a 3 horas);

E mesmo não fazendo parte da questão, elas, além de responderem que não gostam dos desenhos violentos, também afirmam estarem tentando eliminá-los da programação que seu filho assiste: *"estou cortando aos pouco"*, ou mesmo já tê-los abolido de suas casas, como afirmam: *"Minha filha não assiste todos os desenhos que passa, eu faço uma seleção"* e *"eu não deixo-os ver desenhos violentos ou agressivos"*. Nessas 3 respostas ficam explícitas, não só a preocupação dos pais com relação ao que seus filhos assistem na TV, como também, as medidas que tomam para que a programação não os influencie negativamente, mesmo que as horas em frente a TV variem de 2 a 10 horas.

Outra questão a ser considerada é que em nenhum momento no questionário foi utilizada a palavra "violência" ou algo similar, foi apenas perguntado se eles acreditam que a TV pode influenciar as crianças, sem direcionamento a uma influência positiva ou negativa. Pudemos perceber, então, a partir das respostas dadas, a preocupação que os pais têm com relação aos desenhos, principalmente, com aqueles que enfatizam a violência, incluídos na programação que a TV transmite todos os dias ao público infantil.

A preocupação vem não só com relação aos desenhos, mas quanto à programação de modo geral, como colocado na última resposta: *"Eu acho que não só os desenhos podem influenciar na vida das crianças, mas sim toda a programação vista por eles. Por isso... eu não deixo-os ver desenhos violentos ou agressivos"*

Está sendo colocado pelos pais, que a televisão transmite programas violentos para seu público, inclusive para as crianças, e que eles se preocupam com isso por acreditarem numa possível influência negativa que tal tipo de programação possa ter na vida de seus filhos, *"em suas brincadeiras e imaginação"*.

Considero válido ressaltar que, após ter analisado as respostas dos pais e com o maior avanço do estudo bibliográfico, uma outra versão dos questionários foi feita e teria sido entregue a eles se o período letivo não estivesse no final. A primeira versão, juntamente com a segunda (a que foi encaminhada aos pais), prendeu-se demasiadamente aos desenhos animados (que eram de início, o foco principal da pesquisa), mas com as leituras referentes ao assunto, pude constatar que as crianças assistem, não só aos programas infantis, mas a muitos outros programas, os quais nem sempre são indicados a elas porque podem ter forte influência no seu comportamento, se não forem seguidos por uma orientação dos adultos e por um olhar mais apurado e mais crítico.⁸ Foi nesse sentido que no terceiro questionário eu procurei dar mais ênfase à participação que o adulto (pais e educadores) tem, ou deveria ter, com relação ao tempo que as crianças despendem a assistir televisão, bem como, aos programas que elas assistem. Mas como no momento da pesquisa as crianças estavam na pré-escola, seria inviável reenviar os questionários aos pais no ano seguinte, uma vez que o ingresso na primeira série do primeiro grau as obriga a mudar de escola, dificultando assim, o contato com as mesmas.

⁸ Uma amostra dessa terceira versão - que não foi encaminhada aos pais - se encontra no Anexo 3.

3. Programação de TV na escola; identificações e posicionamentos das crianças - Registro em Vídeo

A partir do relato da professora sobre o episódio em que as crianças assistiram o filme Os Cavaleiros do Zodíaco na classe e, posteriormente, conversaram sobre ele, eu e a professora conversamos e:

"...pudemos constatar que é por aí mesmo que o meu trabalho deverá ser encaminhado: a partir da vivência concreta com os desenhos animados, ou seja, apenas falar sobre os desenhos fica tudo muito vago e desestimulante para as crianças, o que deve ser feito é justamente, selecionar os desenhos e filmes infantis preferidos por elas, passar na sala e posteriormente desenvolver comentários, conversas, atividades e/ou brincadeiras que tratem do que foi visto, deixando as crianças à vontade para manifestar quaisquer reações que o tema tenha suscitado nelas." (Diário de Campo, 19 de setembro de 1996).

Foi solicitado às crianças que levassem até a escola os filmes que tivessem em suas casas para que fosse possível assisti-los e depois conversar sobre eles. A câmera filmadora seria utilizada para filmar as crianças, registrando suas falas e manifestações, possibilitando, posteriormente, uma análise mais meticulosa do material.

No dia combinado para assistirmos o filme, bem como filmar as crianças, nenhuma delas lembrou-se de levá-los. Mesmo assim:

"...por estar com a câmera filmadora presente eu aproveitei para 'fazer de conta' que as filmava enquanto realizavam suas atividades, com o intuito de ir familiarizando-as com a presença e o uso da filmadora. A reação delas foi bastante positiva, poucas ficaram incomodadas a princípio não querendo ser filmadas, mas depois foram se acostumando e até fazendo 'tchauzinho' e falando diante da câmera." (Diário de Campo, 16 de outubro de 1996).

Aqui podemos notar algumas das dificuldades enfrentadas para realizar a pesquisa de campo: quando as crianças levaram o filme Os Cavaleiros do

Zodíaco à escola, eu não estava presente; no dia em que eu fui com a câmera, no intuito de filmá-las a partir de um filme assistido, este não foi conseguido.

Outro dia foi combinado para as crianças levarem os filmes. Apenas um garoto trouxe, mas, a professora conseguiu alguns na própria escola. De posse dos filmes e da câmera filmadora em sala, teve início a filmagem que procurou, naquele estágio da pesquisa, focalizar as situações que tivessem maior relevância para o trabalho e que fossem possíveis de serem filmadas dentro das condições de luz, som e espaço.

Tinha-se como objetivo levar outros filmes para serem assistidos em sala, mas se não bastasse ter quebrado a televisão da escola, quebrou-se também a câmera filmadora a que eu tinha acesso, e, o conserto não foi efetuado a tempo de proporcionar outras situações como as que serão aqui descritas, portanto, só foi assistido um filme e realizou-se uma única vídeo gravação no decorrer da pesquisa.

Está aqui configurada mais uma dificuldade na efetivação do trabalho de campo: quando em presença de todo o material necessário (filme, TV, filmadora e pesquisadora), a televisão quebra, e, posteriormente a filmadora.

Todas essas dificuldades e impedimentos apontados acabaram constituindo para a pesquisadora em importantes momentos de reflexão. Diante da escolha de se proceder a uma análise de caráter etnográfico, essas dificuldades e impasses foram sendo incorporados ao próprio processo de investigação, ou seja, encontros e desencontros vão sendo tomados como acontecimentos que também têm valor para análise. Nesse sentido, a única vídeo gravação teve uma importância fundamental, na medida em que possibilitou um olhar mais detido e apurado das situações e, portanto, uma análise mais refinada.

A filmagem durou 53 minutos, os quais foram transcritos, integralmente, na tentativa de descrever melhor a totalidade sequencial dos fatos, gestos e falas⁹. O material registrado teve as falas transcritas e numeradas, sendo posteriormente dividido em 7 momentos distintos:

⁹ A transcrição integral da vídeo gravação será encontrada no Anexo 4.

1. apresentação dos filmes;
2. votação / resultado da votação;
3. início da transmissão do filme;
4. movimentos de identificação das crianças com os personagens;
5. quebra da TV e tentativa de conserto;
6. conversa com as crianças: ambiguidades e posicionamentos com relação ao tema violência;
7. relações de poder: condições e contradições.

3.1. Apresentação dos filmes:

"Sentada em frente aos alunos, a professora, enquanto ia falando sobre os filmes, mostrava-os às crianças para que elas pudessem ir vendo os seus preferidos. A sala já estava equipada com a televisão e o vídeo cassete e com as carteiras organizadas de forma que todos pudessem se acomodar para assistirem o filme escolhido.

1-Pro: Olha, nós tínhamos, é, escolhido alguns filmes, e teve gente que esqueceu de trazer, não foi? Mas aí a Luciene conseguiu, olha, o, Os Cavaleiros do Zodíaco, quem que ia trazer mesmo?

2-Joh, Gus : O Dio.

3-Pro: Era o Dio. Então, o Dio esqueceu, mas eu consegui emprestado na outra sala, tá? Então, tem os Cavaleiros do Zodíaco. O Wel foi o único amigo que lembrou de trazer o filme e ele trouxe o Pocahontas que não tinha sido escolhido antes, tá? Então tem o Pocahontas, e, aí eu achei esse aqui lá na, na sala da diretora que chama Street Fighter II, então quer dizer que tem o filme I, né?

Joh conversa com Már, e com cara de quem não está gostando diz:

4-Joh: É chato.

5-Gus: Coloca aí.

6-Joh: É chato.

7-Gus: É gostoso, é legal.

8-Wel: É de luta, é legal.

9-Pro: Então, tem esse aqui que é continuação de um filme que nós não vimos.

Após os comentários de Joh e Gus, várias crianças se manifestaram falando baixinho com o colega do lado, portanto, não sendo possível o entendimento de suas falas. Até que Joh vê o filme Toy Store nas mãos de Luciene e diz baixinho ao mesmo tempo que ela:

10-Pro: É de luta Wel? É?

11-Joh: Põe Toy Store, põe Toy Store, põe Toy Store.

12-Pro: Então, tem esse aqui que é continuação de um filme que nós não vimos. Tem que ver o I né? Aí tem aqui, os Muppets

conquistam Nova York, são os Muppets, vocês já conhecem eles?

Todos se manifestam ao mesmo tempo:

13-Joh: O Lu, eu tenho esse, eu tenho esse (diz apontando para o Toy Store).

14-Pro: Tá.

15-Viv: Eu tenho, eu adoro...

16-Pro: E o outro filme é o Toy Store.

17-Joh: Ebá! Eu quero."

Pudemos perceber, nesses primeiras falas, uma divergência de manifestações e opiniões com relação aos filmes apresentados. O primeiro filme mostrado pela professora, Os Cavaleiros do Zodíaco e o segundo, Pocahontas que o Wel trouxe, não causaram nenhuma reação explícita nas crianças, mas foi só mostrar o terceiro filme, Street Fighter II, para Már e Joh conversarem e começarem as manifestações: *"É chato; É gostoso, é legal; É de luta, é legal."* E na fala de Wel, vemos essa menção ao fato de o filme ser de luta *"É de luta, é legal"*. Considero importante tal menção do garoto, porque, muito provavelmente, ele, assim como os outros, saiba que a violência não é algo "correto", "recomendável", socialmente aceito, e por isso, sinta uma necessidade de dizer, de explicar que *"É de luta"*, mas que mesmo assim *"é legal"* e, eles gostam e querem assistir.

Já a professora, não quer passar o filme Street Fighter, argumentando a necessidade de ver o filme I antes. Apesar de tê-lo levado até a sala, apresentado às crianças, ela insiste na idéia de não incluí-lo na escolha: *"Então, tem esse aqui que é continuação de um filme que nós não vimos; Então, tem esse aqui que é continuação de um filme que nós não vimos. Tem que ver o I né?"*

Ao serem mostrados os outros dois filmes, Os Muppets Conquistam Nova York e Toy Store, as crianças, talvez estimuladas pelos comentários anteriores, se manifestam todas ao mesmo tempo: *"O Lu, eu tenho esse, eu tenho esse; Eu tenho, eu adoro; Ebá! Eu quero"*.

Nesse primeiro momento da situação, já podemos perceber, nas falas e na agitação das crianças, algumas de suas preferências dentre os filmes que haviam em sala. E é notável a manifestação de Már e Gus, empolgados, ao

ser mencionado o filme *Street Fighter II*, que de todos, é o que mais traz cenas de agressividade. E Joh mostra forte interesse pelo *Toy Store*, dizendo ter em casa e, Viv e as outras garotas demonstram interesse pelos *Muppets*, que é um dos mais amenos, sem violência.

Frente às manifestações das crianças e do impasse para saber qual filme vai ser assistido, uma votação foi a solução encontrada pela professora.

3.2. Votação / Resultado da votação:

"18-Pro: A gente vai fazer uma votação prá ver qual desses filmes nós vamos ver agora, tá? Então vamô lá: éééé, qual que foi o primeiro, ah, Pocahontas, quem quer, levanta a mão. Um, dois, três, quatro, cinco, seis. Viv, você pode marcar seis aí prá nós?

19-Wel: Sete comigo.

20-Viv: Ahã.

21-Pro: Então o Pocahontas é o primeiro, a Viv vai marcar o número seis lá.

22-Wel: Sete.

23-Pro: Seis.

24-Wel: Sete comigo.

25-Pro: Ah, com o Wel sete, então põe sete.

26-Wel: E oito com o Cai.

27-Pro: Não o Cai eu já tinha contado. Isso.

28-Pro: Quem quer o Toy Store levanta a mão. Viv, você quer o Toy Store ou não?

29-Pro: Então vamô lá. Um. Dio quer? Dois, três. Marca três prá mim aí Viv.

30-Joh: A não, eu não quero o Toy Store não (diz isso após conversar algo incompreensível com Gus).

31-Pro: Dois então Viv. Ele tirou o... Quem quer os Cavaleiros do Zodíaco levanta a mão. Um, dois, você também quer? Três. Marca três aí, terceiro filme, três.

32-Pro: *Quem quer esse aqui? Ah, esse aqui eu acho complicado porque nós não assistimos o número I.*

33-Wel: *Street Fighter Man.*

34-Pro: *Esse já é o número II, vai começar a história no meio. Três meninos já estão com as mãos erguidas e Már, um deles, cutuca Reb e Joh que estão ao seu lado para também votarem no Street Fighter.*

35-Wel: *Street Fighter.*

36-Pro: *Tá Street Fighter II. Um, dois, três, qua... o Cai também quer, quatro. Então põe quatro aí, cinco com o Wil, é cinco.*

37-Pro: *Quem quer os Muppets, aqueles bonecos? Um, dois, três, quatro, cinco, põe cinco aí. Você também quer, então seis Viv."*

No início da votação havia em sala 7 meninas e 8 meninos, só depois que o filme começa chegam mais 4 meninos (no total a sala é composta por 28 crianças, no dia só foram 19 delas).

O primeiro filme a ser apresentado foi o Pocahontas, com votos de 3 meninos e de 4 meninas; o segundo foi Toy Store, com apenas 2 votos masculinos; o terceiro filme foi Os Cavaleiros do Zodíaco, votado por 3 meninos; Street Fighter II foi o seguinte candidato, com votos de 5 meninos e o último filme votado foi Os Muppets, com 3 votos masculinos e 3 femininos.

É interessante percebermos na votação, na hora de optarem pelos filmes, a diferença dos gostos entre os meninos e as meninas. Naqueles que mais enfatizam a violência, tais como Os Cavaleiros do Zodíaco, Street Fighter e até mesmo Toy Store, a preferência masculina é explícita, seus votos nos revelam isso; enquanto as meninas, por sua vez, preferem filmes mais amenos, com histórias sem violência como Os Muppets e Pocahontas. Em vários estudos relacionados à programação infantil, os autores nos mostram que, realmente, há uma variação entre as preferências das crianças: os meninos tendem a preferir programas que trazem cenas de violência e agressão, enquanto as meninas apreciam histórias sem violência e com doses de fantasia e afetividade, e ambos se sentem atraídos por histórias cômicas.

Talvez uma das razões que levem as crianças a optarem por um programa ou outro, esteja, justamente, nas diferentes concepções de homem e mulher

construídas socialmente e que lhes são transmitidas. Pelo fato dos homens serem vistos como mais fortes e "corajosos", lhes são atribuídas as funções de responsáveis pela segurança de sua família e mesmo da nação, como também, a de mantenedores da ordem social. E às mulheres costuma ser destinado o papel de dona-de-casa e mãe, ou seja, a responsabilidade pelos afazeres domésticos e pelo cuidado e educação dos filhos. Tais concepções marcam o pensamento ocidental e são, de certa forma, reafirmadas nos programas, filmes e desenhos infantis, através dos super-heróis, que em sua grande maioria, são representados por pessoas do sexo masculino, e em muito menor quantidade por mulheres.

A influência da mídia também pode ter sido um dos aspectos determinantes do resultado da votação, no entanto, por mais propaganda, por maior que fosse o apelo mercadológico dos filmes em questão, os votos revelaram o pouco interesse das crianças por dois filmes que marcaram essa geração e que foram fortemente veiculados pela mídia: Toy Store e Cavaleiros do Zodíaco.

Terminada a votação, vê-se que o primeiro filme, o Pocahontas (filme de Walt Disney lançado em cinema e vídeo e que também foi altamente divulgado), fora o vencedor. Muitas crianças se manifestam e algumas reclamam do resultado indo contra sua transmissão em sala:

"38-Joh: Empatô.

39-Wel: Empatô não.

40-Pro: Quem que ganhou? O primeiro né?

41-Joh: Aaa, eu não quero Lu.

42-Pro: O primeiro é o Pocahontas.

A maioria em uma só voz lamenta dizendo: aaaaaa..., enquanto os que votaram nesse filme comemoram: eeeee...

43-Pro: Vocês não querem o Pocahontas?

44-Joh, Gus e Már: Nããããoooooooo.

45-Reb e Mis: Sim, eu quero, queremos...

Todos se manifestaram entre quero e não quero."

A professora, mesmo sem compreender a reação das crianças, põe a fita no vídeo cassete, pois, votação para a turma é um acordo que deve ser respeitado e cumprido; Cai e Reb reiteram tal regra em suas falas:

"46-Pro: Então eu não entendi nada. Porque vocês votaram no Pocahontas?

A professora enquanto diz isso já vai colocando a fita no vídeo.

47-Cai: Mas ganhô, mas ganhô, ganhô vai por!

48-Joh: Eu quero Toy Store.

49-Reb: É ganhô vai por, mesmo num querendo ou querendo. Já começou... Vai por do mesmo jeito, já ganhou.

50-Pro: Mesmo não querendo, então vamos.

51-Mis: Aumenta Lu.

52-Pro: Então, depois a gente pode combinar um outro dia...

53-Joh: Toy Store, Toy Store.

54-Pro: ...prá assistir um outro, tá?

55-Os meninos: Aaaaa...

56-Pro: Então vamo lá, Pocahontas hoje..."

Notemos que, Pocahontas e Os Muppets foram os mais votados, com 7 e 6 votos respectivamente, contra 2 votos para Toy Store, 3 para Os Cavaleiros do Zodíaco e 5 para Street Fighter II, e, que as crianças não ficaram satisfeitas com tal resultado. Diante disso, uma hipótese pode ser levantada para tentar explicar o porquê do resultado da votação: o fato de o primeiro e o último filmes terem sido os mais votados talvez seja porque as regras de "como votar" não estavam devidamente claras para todas as crianças, e, diante do primeiro filme, algumas crianças podem ter apenas levantado suas mãos, imitando o comportamento do colega que estava com a mão erguida. Ao observar e conviver com crianças, podemos notar que normalmente, diante de uma escolha, que não se sabe bem como optar, as crianças costumam votar ou na primeira ou na última opção, o que pode ter acontecido no momento da votação, da escolha do filme. As crianças na pré-escola estão ainda aprendendo a votar. Vemos portanto, que a forma como a professora apresentou os filmes e o modo como conduziu a votação podem ter sido determinantes na escolha das crianças, talvez se a ordem de apresentação fosse outra, ou se todas as crianças soubessem votar, o resultado também seria diferenciado.

3.3. Início da transmissão do filme:

O simples fato de organizar as carteiras diferentemente do dia-a-dia, instalar o vídeo cassete e a televisão em sala de aula e ligá-los, de forma que as imagens do filme escolhido pela maioria dos alunos sejam transmitidas com as luzes da classe apagadas, já faz com que as crianças se voltem para a tela da TV, mesmo aquelas que não escolheram assistir o filme que está sendo passado. Suas primeiras imagens, repletas de movimentos, ações e detalhes fantásticos, atraem a atenção das crianças para a "telinha", pelo menos nos primeiros instantes.

À medida que o filme vai sendo passado, as reações das crianças são as mais variadas: alguns sentados em frente à TV, brincam com carrinhos ou conversam; os já desinteressados procuram outras atividades para fazer; quatro garotos que estavam brincando no corredor externo, voltam para a sala de aula; outros dão as costas ao aparelho e se entretêm com brincadeiras; há os que não páram de circular dentro e fora da sala; como também os que permanecem atentos às imagens.

Essas variações, essa diversidade de comportamentos frente a transmissão de um filme infantil, via televisão, nos mostra que o simples fato de veicular a transmissão televisiva não é suficiente para atrair atenção de todas as crianças. Dizer que a televisão gera efeitos prejudiciais às crianças é relativo, é diverso, à medida que o magnetismo atribuído as suas imagens, não atua, não repercute da mesma forma em todas as crianças, elas reagem e se manifestam de formas diferenciadas ao "fascínio televisivo".

3.4. Movimentos de identificação das crianças com os personagens:

Reb sentada bem à frente da TV, começa a conversar com seus colegas mais próximos, dizendo quem eram os personagens do filme, pois já havia assistido e conhecia a história. Ela e Car assistem, conversam, riem juntos e permanecem atentos ao filme, se manifestando num faz-de-conta de

atribuições de papéis dos personagens do próprio filme quando já havia se passado uns 27 minutos de fita:

"65-Car: Aquele lá. Ah, esse daí eu sou, esse daí eu sou.

Car levantou, foi até a televisão e apontou com o dedo o personagem que dizia ser.

66-Reb: Ah!

67-Joh: É o Már!

68-Reb: O nome dele é John Smith.

Car levanta novamente, aponta o personagem e olhando para os amigos diz:

69-Car: Eu sou o Már, eeeeu sou esse!

70-Joh: É o Már!

71-Reb: É o John Smith.

72-Már: Eeeuu sou esse daí!

73-Reb: Ele é o John Smith.

74-Joh: Ele é o Már! Cadê a Tina?

75-Car: Eeee, eu que sou esse!

Car diz levantando o corpo e apontando para a TV.

76-Joh: É o Már!

77-Car: É nós dois então!

Car diz isso apontando para si próprio e para o colega em movimentos de vai e vem.

78-Car: Então é eu também.

Joh e Már não parecem muito preocupados com Car ou fazem de conta não estarem se importando com ele e, mantém uma conversa que não é possível de ser entendida... mas é possível identificar o nome Tina sendo falado várias vezes por Joh.

Passado menos de quinze segundos dessa última fala de Car, ele se levanta e, novamente aponta para o personagem que diz ser ele:

79-Car: Eu sou esse.

Ao mesmo tempo Joh em conversa paralela com Már diz bem baixinho:

80-Joh: Daqui a pouco vai aparecer a Tina.

81-Joh: A Tina aí, a Tina."

Podemos perceber, nesse momento da filmagem que, Reb e Car, mesmo estando em condições reais de vida, em dimensões concretas como a escola, dão vazão ao seu potencial imaginário e fazem-de-conta serem os personagens da história. Eles próprios atribuem a si personalidades que gostariam de ser ou mesmo com as quais se identificam, e no caso, com os personagens de maior destaque do filme, com aqueles que possuem qualidades marcantes e características bem definidas e respeitadas. Ou seja, eles se identificam, eles querem ser os protagonistas da história, eles desejam ser como aquelas pessoas que se destacam, que se evidenciam e que são respeitadas pelo que fazem e pelo que são. Eles desejam ser o herói da história, aquele personagem criado para desfilas virtudes e beleza e que serve como modelo de boa moral e conduta por possuir qualidades socialmente valorizadas e que tem permissão para agredir, matar, ser violento, porque faz isso em defesa da sociedade, do bem comum.

Quando Joh e Már entram na conversa, dizendo que o Már é o principal personagem masculino da história, eles ameaçam Car, pois, entram numa brincadeira, a qual não foram convidados e ainda tentam tirar de Car o personagem que ele diz ser. Eles incomodam Car de uma tal forma, que este precisa ficar repetindo o tempo todo, para si mesmo e para os outros, que ele é o John Smith, que ele é o protagonista da história. A disputa entre eles começa no momento em que desejam ser o mesmo personagem e se estabelece quando nenhum dos dois abre mão de ser o personagem principal para querer ser um coadjuvante, para querer representar um papel secundário. As relações de poder se configuram. Car não abre mão de seu desejo, mas também não bate de frente com Már. E diante da insistência de Már e Joh juntos, ele acaba encontrando uma forma de continuar sendo o John Smith, sem prolongar o conflito e arranjar uma possível briga com os dois colegas: *"77-Car: É nós dois então!"*. Ele ameniza a situação encontrando uma saída para a situação sem maiores confrontos: os dois podem ocupar, então, o lugar de herói.

No entanto, ao mesmo tempo que Car e Reb identificam-se com os heróis da história, que mergulham no mundo imaginário, Joh e Már remetem-se às condições reais de vida. A Tina que Joh menciona é uma garota da sala ao lado, identificada como namorada de Már, que se parece com a Pocahontas. Então, Joh diz que Már é o John Smith porque sabe que ele é o homem

escolhido por Pocahontas e como o Már está namorando a Tina, ninguém melhor do que ele para ser o John Smith.

É interessante percebermos, que até o momento em que os garotos querem assumir a identidade de John Smith, é ele, enquanto herói, que se impõe aos meninos. No caso dos turnos 74, 80 e 81 onde a Tina é mencionada, ocorre exatamente o inverso, é a Tina, colega de escola, que se impõe à Pocahontas.

Sem dar-me conta, da importância da conversa que as crianças estavam tendo naquele momento, eu me aproximo de Car e Reb para tentar explorar mais o que eles tinham a dizer:

"87-Luc: Quem que você é Reb?

88-Reb: A Pocahontas.

89-Luc: E Você?

Car sorrindo se levanta e coloca o dedo na televisão.

90-Car: Esse daqui.

91-Luc: Como é que ele chama?

92-Car: Esqueci.

93-Luc: É o namorado dela? É?

Faço essa pergunta para os dois e Reb responde afirmativo com a cabeça e volta a olhar à TV. Car olha para Reb e diz:

94-Car: Olha, ó aí ela filmano você.

95-Luc: Por que que você quer ser ele Car?

96-Car: Hã?

97-Luc: Porque você quer ser ele?

98-Car: Porque é mais legal.

99-Luc: Porque que ele é mais legal? Fala prá mim, fala prá mim.

100-Car: Num sei.

101-Luc: Ah, mas se você quer ser ele é porque alguma coisa de diferente ele tem.

102-Reb: É porque ele acha ele mais bonito.

103-Luc: Só por isso?

Car só faz que sim com a cabeça.

104-Luc: Ou por que ele é mais corajoso, ele é mais forte?

105-Reb: Não.

106-Car: Por causa disso.

107-Reb: *Tem o Índio que é mais forte do que ele.*

108-Luc: *É? Então por que você não quer ser o Índio?*

109-Car: *Porque o Índio é feio.*

110-Luc: *Ah, só por isso?*

111-Reb: *O Índio não é feio."*

Essa conversa pode revelar algo de interessante, a partir do momento que analisamos as poucas falas de Car, dentro do que eu e Reb o deixamos falar. Quando ele diz que quer ser John Smith porque "*Ele é mais legal*", eu acredito que esta foi a forma, a palavra, dentro de uma linguagem comumente usada e acessível, que ele encontrou para definir o motivo de querer ser aquele personagem e não outro, no entanto, quando eu o questiono mais, Reb toma a frente das respostas, mas mesmo assim, ele consegue dizer o que acha. Nós podemos perceber então, a questão da beleza que, a princípio, ele confirma e, num segundo momento, quando eu trago outras características (forte e corajoso), ele revê sua resposta, e mesmo quando Reb diz que o Índio é mais forte que John Smith, ele não quer ser o Índio porque acredita que ele é feio, mas Reb afirma que o Índio não é feio. Além da vontade de ser o personagem principal da história e de buscar identificar-se com o herói, pode estar implícita também, toda a questão do preconceito que o indígena sofre no Brasil e no mundo, e que as crianças tem conhecimento: para Reb, essa questão não teve grande repercussão, inclusive porque, a personagem principal do filme é uma Índia, e também, não havia nenhuma menina na brincadeira querendo "roubar" seu papel; já Car se recusou a ser o Índio mesmo depois de tudo que Reb falou, e continuou na idéia de ser Smith, o Homem mais belo e respeitado por toda a sociedade mostrada no filme, como também o Homem amado pela personagem principal. Ou seja, para que ser o Índio, se John Smith além de ser o mais perfeito dos personagens é Homem que Pocahontas escolheu para amar? Assim como Pocahontas é a heroína, Smith é o herói da história, e é com esses personagens que as crianças buscam uma identificação, as meninas com a heroína e os meninos com o herói, e nunca com um amigo ou um concorrente deles.

Após esse momento, a TV pára de funcionar e a professora então, tenta consertá-la. As crianças começam a conversar entre si e com a professora, conforme é transcrito a seguir.

3.5. Quebra da TV e tentativa de conserto:

Már que estava tão entretido com Joh e Car na disputa do personagem, se aproveita do momento para pedir à professora que coloque o filme *Street Fighter II*, enquanto Joh e Fel pedem *Toy Store*:

"113-Már: Luciene.

114-Pro: Oi.

115-Már: Luciene, põe Street Fighter? Street Fighter?

Joh mexe com Már dizendo:

116-Joh: Toy Store, Toy Store.

117-Luc: Street Fighter você quer?

Gus e Joh ao mesmo tempo:

118-Gus: É.

119-Joh: Não, não.

Fel mexe com Luciene dizendo:

120-Fel: Toy Store, Toy Store, Toy Store.

121-Pro: Por que você quer o Fighter e não o Pocahontas? Por que você prefere o Fighter?

122-Reb: Porque tem história.

123-Luc: O Már, você já assistiu aquele outro? Você já assistiu?

Már só faz que sim com a cabeça.

124-Luc: E por que que é mais legal do que esse aí?

125-Fel: É porque só por causa que é de luta.

126-Luc: Só por que é de luta?

Fel faz que sim com a cabeça.

127-Már: Não é.

128-Luc: Mas você gosta?

Már faz sim com a cabeça e diz:

129-Már: Não é, não é por causa que é de luta.

130-Luc: Por que então?

131-Már: Por causa que é mais legal."

A impressão que se tem é a de que eles não perceberam que a televisão estava com problemas ao invés do filme e, mais uma vez, vemos o interesse de Már e Gus pelo filme de maior violência, assim como a iniciativa de dizer que é de luta, vinda das próprias crianças, no caso, Fel. Parece que foi só

quebrar a televisão para Már esquecer de sua disputa anterior com Car e pedir rapidamente para a professora o seu filme preferido.

Após essa conversa, as crianças se dispersaram: poucos tentam ajudar a professora a arrumar a televisão, alguns voltam a fazer suas atividades escolares e outros ficam por perto conversando ou brincando. Mas como não conseguem fazer o aparelho voltar a funcionar, a professora propõe que arrumem a sala, façam roda para que se inicie uma conversa sobre o filme Pocahontas e outros programas infantis. As crianças não são obrigadas a participar, tanto que a professora não interferiu na decisão de ficarem fora da roda, como também permitiu a participação de todos que quiseram se manifestar.

3.6. Conversa com as crianças: ambiguidades e posicionamentos:

Quando a professora tenta dar início à conversa, alguns garotos não se interessam em falar sobre o filme e vão para as mesas terminar as atividades escolares - talvez por estarem na escola, preferiram se engajar nos estudos a ter que conversar sobre a programação televisiva. Reb que, era uma das mais entretidas com o filme, também não quis falar sobre ele, se isolou numa mesa no canto da sala e ficou realizando suas tarefas, sem dar atenção à agitação da turma. Mesmo com o desinteresse de poucos em falar sobre a programação, a conversa em roda se deu de forma interessante, com a maioria da turma. Das várias falas e manifestações das crianças, as de maior relevância serão aqui destacadas, seguidas de uma análise:

"138-Pro: ...Quem ficou triste do filme não ter ido até o final?

Alguns gritam: eu.

139-Pro: Você tava gostando do filme Car?

Ele sorri e faz não com a cabeça."

Aqui, há duas passagens curiosas, pois, algumas das crianças que ficaram bagunçando todo o tempo do filme, disseram ter ficado tristes com sua interrupção; já Car, que parecia tão entretido, não se importou muito pela quebra da TV. Daqui podemos ver como é ambígua essa questão do interesse e da atenção da criança com relação ao que está sendo transmitido. Car que, a princípio, parecia tão atraído pelas imagens, diz não ter se importado. Já alguns que pareciam dispersos, disseram ter ficado tristes com a interrupção.

Dando continuidade à conversa, a professora tenta questionar Gus e Már para saber por que eles preferem o *Street Fighter*, mas eles não se manifestam, conforme podemos ver nas próximas falas:

"188-Pro: Agora o Gus e o Már queriam ver qual filme?"

189-Wel: Street Fighter?

190-Pro: Hã?

191-Wel: Street Fighter?

192-Pro: E por quê? Você acha o Street Fighter mais gostoso, mais legal?

193-Joh: Ah, tem luta.

194-Már: É.

195-Joh: Porque tem luta.

196-Pro: E por que é mais legal?

Már que está sentado ao lado de Fer vira para a professora afirmando que prefere o filme Street Fighter.

197-Már: Street Fighter.

198-Pro: Mas por que que é mais legal?

199-Fer: Toy Store, Toy Store...

200-Pro: O Fer, eu fiz uma pergunta pro Már.

201-Joh: Eu sei por que, eu sei por que.

202-Pro: Hein Már, hein Gus, por que que é mais legal?

Gus sentado ao chão olha para Már que está fazendo suas tarefas na mesa, mas nenhum dos dois se manifestam, enquanto Joh:

203-Joh: Porque tem luta, tem luta."

Mais uma vez, podemos notar que o fator "luta" está muito presente para algumas crianças. Már e Gus não quiseram admitir sua preferência neste

primeiro momento, mas todos da classe sabem que eles adoram filmes de luta, o que foi claramente explicitado por Joh. Diante do tema levantado, resolvo explorar a questão, e então me dirijo para a turma e pergunto:

"204-Luc: E vocês gostam de assistir luta na televisão?

205-Joh: Odeioooo... Deixa a gente nervoso!

206-Wil: Eu odeio, eu odeio.

207-Luc: O que que tem Joh?

208-Joh: Deixa a gente bravo. Eu odeio.

209-Luc: Você fica bravo quando você assiste luta?

210-Joh: É! Aqueles véio lá num, que num, que num... esqueci, como que é? Num chega em lugar nenhum prá luta.

211-Pro: Olha prá Lu, você tá falando com ela, olha prá ela.

212-Luc: Não precisa ter vergonha.

213-Joh: Não chega em lugar nenhum.

214-Dio: Eu assisto todo dia.

215-Pro: Você assiste filme de luta, Dio?

216-Dio: Assisto.

217-Luc: Quem gosta de filme de luta?

Quatro meninos que estavam sentados no chão, na roda, perto do Joh, ergueram suas mãos, enquanto cinco meninos que estavam sentados na mesa, recortando e colando, não se manifestaram; Reb que também trabalhava sozinha numa outra mesa, permanece quieta, e cinco meninas da roda não ergueram as mãos. Alguns alunos já haviam ido embora.

218-Gus: Eu gosto de terror.

219-Luc: De terror?

220-Wel: Eu também!

221-Luc: E as meninas não gostam de filme de luta?

Em coro elas responderam não."

É possível notarmos, diante da questão formulada diretamente sobre o tema violência, a variação de respostas que as crianças apresentaram: as meninas e apenas dois meninos disseram não gostar, enquanto os outros, ou não se manifestaram ou se mostraram favoráveis. Mais uma vez identifica-se a questão das preferências de acordo com o sexo das crianças, pois, a maior parte dos garotos afirmou gostar de ver violência na TV, enquanto todas as meninas, foram taxativas em dizer não.

Como o tema em discussão estava girando mais em torno da violência em filmes, eu considerei importante para o meu trabalho perguntar se o desenho animado que as crianças assistiam também era de luta:

"228-Luc: Deixa eu perguntar uma coisa. Vocês assistem desenho animado quando vocês estão em casa?"

229-Joh: Siiiiimm...

230-Luc: Mas o desenho animado que vocês assistem também é de luta, ou não?

Várias crianças responderam, ao mesmo tempo, que não."

Diante da questão sobre os desenhos, Fer, que era um dos cinco meninos que estavam na mesa realizando as tarefas escolares e, que não demonstrou muito interesse pelo filme, participou ativamente da conversa e de forma muito interessante, como poderemos ver logo a seguir:

"231-Fer: Eu gosto é de coisa de morte..."

232-Wel: Eu gosto do Homem Aranha.

233-Fer: ...de luta, que um mata o outro que é mais legal.

234-Wel: Eu gosto do Homem Aranha.

235-Luc: Por que que é mais legal?

236-Dio: Eu tenho medo.

237-Luc: Fer, por que você gosta de tanta violência assim?

238-Fer: Ah, porque eu sou violento, na minha casa, com meu irmão.

239-Luc: Verdade? Você bate nele?

240-Fer: A bato. É, é, é eu sou violento na, na minha casa, é, em um montão de lugar. É quando é, é, é, é eu sou violento com todo mundo que mexe comigo quando eu tô fazendo coisa quieto.

241-Pro: Ah, eu não acho. O Fer, mas você não bate em ninguém aqui na escola.

242-Fer: Mas na escola eu não bato porque, porque eu não assisto, né?"

Mesmo afirmando ser violento e gostar de programas violentos, Fer iniciou sua fala a partir da conversa que eu estava tendo com as crianças. As

manifestações de Fer não foram provocadas a partir de um programa de TV violento, mas a partir da própria conversa.

Frente às perguntas que lhe foram sendo feitas, Fer, mostra todo um crescente de fatos e ainda garante as justificativas: *"gosto é de coisa de morte; de luta, que um mata o outro; porque eu sou violento... com meu irmão; eu sou violento na, na minha casa, é, em um montão de lugar... eu sou violento com todo mundo que mexe comigo quando eu tô fazendo coisa quieto"*. Nesse momento a professora intervém e ele justifica: *"Mas na escola eu não bato porque, porque eu não assisto, né?"*, quer dizer, a própria criança atribui o motivo de sua agressividade aos programas de TV, distinguindo inclusive entre filmes e desenhos animados:

"243-Luc: O Fer.

244-Fer: Que que foi agora?

245-Luc: O Fer, então você só bate quando você assiste desenho?

246-Fer: Não é desenho, é filme.

247-Luc: Um filme. Então quando você assiste o filme, que você fica violento e começa a bater?

248-Fer: É.

249-Luc: Então aqui você não bate, porque você não assiste filme?

250-Fer: É."

E para provocar mais a sua fala, eu então pergunto:

"251-Luc: Então se a gente puser um filme violento você vai sair batendo em todo mundo?

252-Fer: Não, vou sair quebrando, vou sair quebrando é tudo daqui. Vou, vou, vou sair é, é, é, quebrando...

253-Joh: Parede, mordendo os outros.

254-Fer: ...jogo, quebrando cadeira, quebrando osso de gente, quebrando televisão...

255-Joh: Uh, poderoso.

256-Fer: ...dos outros, quebrando cabeça dos outros."

Podemos ler na fala de Fer um misto de agressividade e provocação que vai num *crescendum* e tomando forma à medida que as outras crianças, além de ouvi-lo, vão também participando e comentando sobre sua fala.

Depois disso, algumas crianças também começam a dizer que gostam de filmes de sangue, eu então proponho, para a minha próxima visita, trazer filmes *"...bem de sangue, bem de violência..."* e, pergunto se elas iriam gostar, toda a classe se manifesta aos berros, uns contrários e uns a favor, até que Fer, com as mãos erguidas, grita:

"164-Fer: Cala a boca! (e vai diminuindo a altura de sua voz) Eu acho uma coisa melhor. Traz coisas de terror, violência..."

Diz isso, esfregando uma mão na outra várias vezes, com fisionomia sarcástica, depois bate as mãos e continua:

165-Fer: ...eu vou, eu vou, eu vou bater em todo mundo...

Abre seus braços simbolizando o 'todo mundo' e continua falando, mas agora, apontando para cada um de seus colegas (volta a falar alto):

166-Fer: ...vou bater, é, vou bater no Joh, vou bater no Gus (...)

168-Fer: ...vou bater no Már, vou bater no Wil, vou bater até nas meninas, vou bater em todo mundo.

169-Viv: Duvido."

Vemos nessas falas de Fer, que ele reafirma o que havia dito, pois, diz para eu levar filmes bem violentos que ele, realmente, vai bater em todo mundo. E quando ele aponta para seus colegas, dizendo seus nomes e, que vai bater em cada um deles, ele está apontando para os que estão mais próximos, naquele momento, e que também estão atentos à sua fala, o que demonstra, a meu ver, que não há rivalidade entre ele e os colegas apontados, apenas uma menção aos mais próximos, aos mais acessíveis. Ele também menciona as meninas em sua fala, mas como quem reconhece que não é "correto" bater em mulheres, conforme vemos: *"...vou bater até nas meninas..."*. E é nesse momento que uma delas, a Viv, o desafia, dizendo que duvida que ele seja capaz do que está dizendo e, acaba provocando uma manifestação geral em todas as garotas, mas Fer não se intimida e continua a ameaça contra a turma:

"Quando Viv fala 'duvido', mais meninas começam a gritar com ela num só coro, e Fer repete como quem está gozando-as, mas logo pára, pois, todas as garotas gritam insistentemente:

270-Meninas: Duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido. (...)

272-Fer: Quem duvidar vai levar um soco no meio da cara."

3.7. Relações de poder: condições e contradições:

"...Joh, Car e Dio, liderados por Gus, levantaram-se, foram até Fer, começaram a empurrá-lo e a desafiá-lo, dando leves socos em seu braço como que chamando-o para brigar, testando sua reação. Mas Fer foi indo para o canto, acado pela reação dos colegas agressores, rindo e dizendo algumas palavras incompreensíveis; até que Wil, cercou-o pelo outro lado e lhe deu um soco que pareceu ter machucado. Os colegas que estavam sentados na mesa mal olharam para ver o que acontecia. A professora, então, diante dessa cena, levantou-se e foi até eles pedir para que parassem:

288-Pro: O gente, é melhor parar que o Fer tá ficando chateado.

289-Fer: Eu tô ficando bravo é com, com, com, com os dois aí belezinha.

Fer diz isso apontando para Joh e Gus... (os dois então se afastam de Fer e brincam entre si)"

Notemos então que Fer, mesmo frisando, inúmeras vezes, que iria bater em todos os seus colegas, quando esses se aproximam, desafiando-o para a luta, ele não reage violentamente, só tenta se defender com os braços na frente do corpo, ri e diz algo incompreensível. Talvez Fer por estar utilizando, em alguns momentos, um tom irônico e sarcástico na voz, estivesse apenas desafiando a classe para satirizar os colegas, sem ter a intenção concreta de realizar tudo aquilo. Poderíamos, a princípio, "julgar" Fer como sendo uma criança violenta, no entanto, ele foi incapaz de agir agressivamente frente ao combate, sua "agressividade" ficou apenas ao nível das palavras. Vemos

aqui que analisar as reações infantis (e mesmo de adultos), dentro de um maniqueísmo que "julga" como "bons" ou "maus" determinados comportamentos, sem relativizar situações e envolvimento, não seria viável.

Fer iniciou suas "falas agressivas" a partir da conversa com as crianças sobre a programação violenta, já os garotos, foram de encontro a Fer como resposta as suas falas, manifestaram essa reação concreta de violência a partir das próprias colocações e provocações de Fer, mesmo que este estivesse falando em tom de brincadeira, com ar irônico.

Ao se aproximarem de Fer agredindo-o, os garotos estão em grupo, não foi uma criança isolada que fez aquilo e sim um grupo de crianças. Quando no início da análise da filmagem, no momento de identificação das crianças com os personagens (3.4.), Joh e Már disputam o papel principal com Car, Gus está sentado ao lado dos dois primeiros, mas não se manifesta. Agora, antes do confronto com Fer, Gus e Joh estão sentados juntos no chão, enquanto Már está na mesa perto de Fer. E quando Gus lidera as crianças para baterem em Fer, Car vai junto, ou seja, Car que a princípio se sentiu ameaçado pelos garotos, agora se junta a eles para intimidar Fer. Vemos portanto, claramente apresentadas nessas duas situações, as relações de poder estabelecidas entre as crianças, bem como, a reconfiguração das alianças entre elas, dependendo do contexto e das personalidades envolvidas.

Perante essa questão, percebemos como, muitas vezes, não é viável fazer associações diretas e lineares (cenas violentas - comportamento violento) como alguns estudiosos do assunto costumam fazer. As crianças nem mesmo estavam diante da TV para reagirem como reagiram, estavam apenas falando sobre a programação violenta. Suas manifestações surgiram a partir de reflexões que fizeram em cima dessas conversas. As condições em que estavam propiciaram suas manifestações, tanto as provocações de Fer como a agressividade concreta dos garotos, mas não se pode dizer que foi a TV a causadora imediata de tal violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos imersos numa sociedade que traz em seu bojo inúmeras desigualdades sociais, sejam elas de caráter financeiro, cultural, ideológico, de valores, costumes, hábitos, de que espécie for. Vivemos num mundo caracterizado pela miséria, pela injustiça, pela exploração, por condições, muitas vezes precárias de saúde, higiene, moradia, educação. Enfim, vivemos mergulhados numa realidade desigual, onde a violência se manifesta, a todo instante, como resposta a essas injustiças presentes em cada um dos segmentos sociais.

Vivemos imersos numa realidade na qual os meios de comunicação de massa imperam com suas informações precisas ou distorcidas, com suas representações e reproduções fiéis e/ou até exageradas do cotidiano, com a aproximação quase afetiva com seu público. Vivemos num mundo repleto de sons, mas principalmente de imagens que se estampam e nos são "impostas" a cada momento, em qualquer lugar. Enfim, vivemos mergulhados numa realidade regida por imagens e sons, ou como diria Milton de Almeida (1994), numa sociedade imagem-som.

Vivendo num regime capitalista, sob formas ásperas e rudes, muitas vezes violentas, e numa sociedade que tem a televisão como o meio de comunicação de massa mais difundido, acaba sendo quase "natural" que a programação televisiva se apresente repleta de violência e brutalidade. No entanto, ela não se restringe à violência. Como um instrumento humano, de criação e utilização do homem, a TV carrega consigo contradições, ambiguidades, diversidades. Sua programação é variada, contém inúmeros programas, variados produtos a serem mostrados e consumidos.

As pessoas, sejam crianças, adolescentes, adultos, idosos, possuem suas formas próprias de olhar o mundo, de apreendê-lo, possuem contextos de vida específicos que as orientam nas diferentes situações. Uma mesma

pessoa manifesta-se de formas distintas a cada momento vivenciado. As diferentes situações, com diferentes pessoas e diferentes relações entre as mesmas, vão "determinar", juntamente com suas histórias de vida, as reações nas pessoas, dentro daquele contexto. Cada ser é específico, assim como, cada contexto é único.

Acreditar que a TV com sua programação violenta gera efeitos prejudiciais nas pessoas, principalmente nas crianças, atribuir a agressividade de algumas crianças aos programas de luta que elas assistem na TV, é cair na superficialidade dos fatos, é analisar a relação da televisão com seu público de forma linear, num maniqueísmo que "julga" que pode ser "boa" ou "má", a influência televisiva sobre as crianças. É considerar a criança como sendo o agente passivo da relação e a televisão o ativo. "Nada está mais distanciado dos fatos. São as crianças que na realidade, são as mais ativas nesta relação. São elas que se servem da televisão, mais que a televisão se utiliza delas" (Wilbur Schramm, 1961, p.157 apud Friedmann, 1973, p.158).

A princípio, acreditávamos que a TV poderia influenciar negativamente as crianças com sua programação violenta. O foco da pesquisa então se direcionou para analisar às possíveis influências da programação televisiva em crianças em idade pré-escolar. A realização do trabalho empírico propiciou-nos observar e analisar falas e manifestações das crianças não só com relação aos programas da televisão, mas a partir da própria vivência com o aparelho e sua programação dentro da sala de aula.

A convivência com as crianças mostrou-nos que mesmo assistindo televisão e gostando de programas de luta, as crianças não são influenciadas negativamente, como a princípio se acreditava. Situações em que estavam presentes personagens das histórias, propiciaram a elas momentos de fantasia, de faz de conta, de identificação com os heróis.

Ironizações, gozações e alguns momentos de agressividade surgiram, não a partir de transmissões violentas na TV, mas a partir de brincadeiras, conversas e reflexões. A relação direta cena violenta - comportamento violento não pode ser observada.

Relações de poder foram se configurando. Alianças foram sendo estabelecidas e reestabelecidas. O posicionamento das crianças variou

conforme as situações em que estavam inseridas. Suas manifestações foram diferenciadas conforme o contexto.

Ambiguidades e contradições foram visualizadas entre as crianças. Diferentes posicionamentos, diversas manifestações e reações diante da TV, mas distante dela também: a relação entre as duas não se estabeleceu de forma linear.

O retorno dos pais permitiu-nos conhecer suas opiniões com relação à possível influência que eles acreditam que os desenhos animados de televisão possam ter sobre seus filhos. Diferentes posturas marcaram suas vozes: uns avaliando como indiferente a influência televisiva; outros ressaltando o aspecto educativo da TV; outros ainda vendo certas programações como prejudiciais; outros tomando medidas mais radicais, controlando e restringindo o tempo e a programação que seus filhos assistem.

Crianças e adultos nos mostraram que a TV se apresenta com mais um aspecto dentro da história de vida das pessoas, como mais um fator que contribui para as escolhas, as decisões e os posicionamentos do dia-a-dia. Se ela se impõe como um poderoso instrumento de divulgação e/ou inculcação de ideologias, idéias e valores, pela sua capacidade de difusão e acesso cada vez maior, ela não é, em si, determinante dessas ideologias, idéias e valores. Nossa relação com ela não é linear. Ela ainda é um instrumento criado e utilizado pelo homem.

No entanto, como “todo programa de TV se define a partir de uma *situação de comunicação* imaginada por um produtor” (Dino Preti in Novaes, 1991, p.232), as produções veiculadas pela TV não deixam de refletir ideologias, idéias e valores. Resta questionarmos que tipo de programação está sendo produzida e reproduzida pela televisão, nas diferentes emissoras. Programas violentos, de luta, de agressividade explícita estão sendo transmitidos a todo momento. Será que as pessoas gostam de assistir a violência e por isso ela é tão enfatizada? Ou será que a violência é, de certa forma, imposta às pessoas? O que será que está por trás dessas produções? Que tipo de ideologia, de idéias, de valores estão sendo passados?

Tais questionamentos permitem-nos redimensionar nosso enfoque, ampliando possibilidades de estudo, de olhares, de veredas por onde outras pesquisas poderão realizar-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Milton José. Educação e cultura - Linguagem e cultura na moderna sociedade oral de imagem e som. In Revista Idéias, nº 23. Cultura e Saúde na Escola. São Paulo: FDE, 1994, p. 67-71.
- Bastos, Laura. A criança diante da TV. Um desafio para os pais. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.
- Bettelheim, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. 10ª ed. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1980.
- Borrego de Dios, Concepción. Los dibujos animados como herramientas culturales en la construcción de los valores infantiles. Universidad de Sevilla, mimeo, no prelo.
- Erausquin, M. Afonso; Matilla, Luis e Vazqu  ez, Miguel. Os teledependentes. S  o Paulo: Ed. Summus, 1983.
- Fischer, Rosa Maria Bueno. O mito na sala de jantar. Discurso inf  nto-juvenil sobre televis  o. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1984.
- Friedmann, Georges; Moles, Abraham A.; Glucksmann, A. e Morin, Edgar. Linguagem da Cultura de Massas: Televis  o e can  o. Trad  o de Sebasti  o Velasco e Cruz e Hilda Fagundes. Pet  polis: Ed. Vozes, 1973.
- Guattari, Felix. As creches e a inicia  o. In. Revolu  o Molecular: pulsa  es pol  ticas do desejo. S  o Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p. 50 - 55.
- Maquiavel, Nicol  u. O Pr  ncipe. Trad  o de S  rgio Bath. Bras  lia: Editora da Universidade de Bras  lia, 1979.

- Marcellino, Nelson C.. O lazer e o uso do tempo na infância. Comunicart. Campinas, IAC, ano 4, nº 7, 1986.
- Marcondes Filho, Ciro. Televisão: a vida pelo vídeo. 4ª ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1988.
- Melo, José Marques de. Telemania, anestésico social. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
- Novaes, Adauto (org.). Rede imaginária: televisão e democracia. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991.
- Prats, Joan Ferrés. "É preciso pensar numa escola multimeios" in Jornal de Piracicaba, edição do dia 10 de setembro de 1996, p. 4 - 5.
- Rezende, Ana Lúcia M.. A Tevê e a criança que te vê. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- Teixeira, Luiz Monteiro. A criança e a televisão. Amigos ou inimigos? 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- Vázquez, Adolfo Sánchez. Filosofia da praxis. 2ª ed. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

ANEXO 1

Versão inicial do questionário encontrada no projeto de pesquisa

Senhores pais ou Responsáveis

Venho por meio desta, solicitar a colaboração dos senhores para a execução de uma pesquisa que será realizada na classe de seu filho no período de Agosto a Dezembro de 1996, referente ao *estudo de efeitos de desenhos animados de televisão no desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar*. Selecionei a escola (nome da instituição) e a classe em que seu filho (nome do aluno) está matriculado.

Sou aluna do 4º ano de Pedagogia na Unicamp. Pretendo desenvolver um projeto de pesquisa e para tanto peço a contribuição dos senhores e a disposição para responderem com atenção e sinceridade o questionário anexo.

Questionário aos Pais ou Responsáveis

- 1) Aproximadamente, quantas horas por dia seu filho assiste televisão?
- 2) Se ele assiste desenhos animados, quais são seus desenhos e personagens preferidos?
- 3) Quantas horas por dia ele dedica para assistir tais desenhos?
- 4) Ele costuma conversar com outras pessoas sobre esses desenhos? Com quem?
- 5) Ele costuma brincar sobre os desenhos sozinho ou com outras pessoas? Quem são elas?

ANEXO 2

Versão encaminhada aos pais dos alunos da classe pesquisada

Senhores Pais ou Responsáveis

Sou aluna do 4º ano de Pedagogia da Unicamp e venho por meio desta, solicitar a colaboração dos(as) senhores(as) para a melhor execução de uma pesquisa que está sendo realizada na E.M.E.I. Agostinho Páttaro, na classe de seu filho(a), com a professora Luciene, referente ao *estudo de efeitos de desenhos animados de televisão no desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar*. Peço para tanto a contribuição dos(as) senhores(as), bem como a disposição para responderem com atenção e sinceridade o questionário anexo. Agradeço antecipadamente.

Questionário aos Pais ou Responsáveis

Nome da criança _____ **Idade** _____

- 1) Seu filho(a) costuma assistir televisão? Aproximadamente, quantas horas por dia ele(a) assiste televisão?
- 2) Se ele(a) assiste desenhos animados, quais são seus desenhos e personagens preferidos?
- 3) Ele(a) costuma conversar sobre esses desenhos ou mesmo brincar sozinho ou com outras pessoas ? Quem são elas?
- 4) O(a) senhor(a) acha que tais desenhos podem influenciar seu(sua) filho(a) de alguma maneira? Como? O senhor(a) considera isso bom, ruim ou indiferente para a criança?

ANEXO 3

Terceira versão dos questionários - não encaminhada aos pais - (elaborada após um estudo mais aprofundado do tema em questão)

Questionário aos Pais ou Responsáveis

- 1) Seu filho(a) costuma assistir televisão? Aproximadamente, quantas horas por dia ele(a) dedica a assistir televisão?
- 2) Ele(a) prefere assistir apenas à programação voltada ao público infantil ou assiste a qualquer outro programa? Quais são eles?
- 3) O(a) senhor(a) deixa seu(sua) filho(a) à vontade para assistir quaisquer programas ou costuma censurar alguns? Quais?
- 4) O(a) senhor(a) acredita que a programação (em geral) de televisão pode influenciar seu(sua) filho(a) de alguma maneira? Como?
- 5) O(a) senhor(a) costuma assistir TV junto com seu(sua) filho(a)? Que tipo de programação?
- 6) O(a) senhor(a) costuma conversar com seu(sua) filho(a) sobre a programação de televisão, orientando-o sobre o que é bom e ruim para ele(a)?
- 7) O(a) senhor(a) acredita que a educação que seu(sua) filho(a) recebe na escola deveria se preocupar em orientar as crianças com relação às diferentes programações transmitidas pela televisão? Por quê? De que maneira?

ANEXO 4

TRANSCRIÇÃO da FITA de VÍDEO

Data da filmagem: 18 / Outubro / 1996

Duração: 53 minutos

Horário: 15: 03: 19 a 15: 56: 00

Data da Transcrição: Março e Abril / 1997

Local: E.M.E.I. Agostinho Páttaro

Professora: Luciene Mastrandrea

Turma e período: Pré-escola à tarde

Obs: A filmagem durou 53 minutos, os quais foram transcritos, integralmente, na tentativa de descrever melhor a totalidade sequencial dos fatos, gestos e falas. O material registrado teve as falas transcritas e numeradas, sendo dividido em 7 momentos distintos:

- 1 - Apresentação dos filmes;
- 2 - Votação / Resultado da votação;
- 3 - Início da transmissão do filme;
- 4 - Movimentos de identificação das crianças com os personagens;
- 5 - Quebra da TV e tentativa de conserto;
- 6 - Conversa com as crianças: ambiguidades e posicionamentos com relação ao tema violência;
- 7 - Relações de poder: condições e contradições.

RESUMO

A professora Luciene havia combinado com as crianças que trouxessem filmes infantis à escola a fim de assistirem a um deles em sala, mas muitas crianças esqueceram de trazer. A filmagem teve início, então, quando a professora trouxe para a sala de aula algumas opções de filmes infantis que ela mesma havia conseguido; as crianças escolheram, portanto, através de votação, qual deles seria passado naquele dia. O filme escolhido e assistido foi Pocahontas de Walt Disney.

Algumas crianças assistiram com grande interesse, enquanto outras permaneceram um pouco dispersas, até que a televisão da escola parou de funcionar e uma conversa, em roda, sobre o filme Pocahontas, outros filmes infantis e sobre desenhos animados de televisão, teve início. No decorrer da conversa, que foi bastante relacionada à violência, Fer e Joh foram as crianças que mais se manifestaram, enquanto a maioria delas teve menor participação e alguns poucos permaneceram realizando suas tarefas escolares.

1 - Apresentação dos filmes:

Havia sido combinado, no dia anterior à filmagem, que as crianças que possuísem filmes infantis em suas casas trariam-nos para a sala a fim de que toda turma escolhesse um deles para ser assistido, porém as crianças acabaram esquecendo de trazê-los e a professora conseguiu alguns na escola mesmo. Sentada em frente os alunos, a professora, enquanto ia falando sobre os filmes, mostrava-os às crianças para que elas já pudessem ir vendo os seus preferidos. A sala já estava equipada com a televisão e o vídeo cassete e com as carteiras organizadas de forma que todos pudessem se acomodar para assistirem o filme escolhido.

1-Pro: Olha, nós tínhamos, é, escolhido alguns filmes, e teve gente que esqueceu de trazer, não foi? Mas aí a Luciene conseguiu, olha, o, Os Cavaleiros do Zodíaco, quem que ia trazer mesmo?

2-Joh, Gus : O Dio.

3-Pro: Era o Dio. Então, o Dio esqueceu, mas eu consegui emprestado na outra sala, tá? Então, tem os Cavaleiros do Zodíaco. O Wel foi o único amigo que lembrou de trazer o filme e ele trouxe o Pocahontas que não tinha sido escolhido antes, tá? Então tem o Pocahontas, e, aí eu achei esse aqui lá na, na sala da diretora que chama Street Fighter II, então quer dizer que tem o filme I, né?

Joh conversa com Már, e com cara de quem não está gostando diz:

4-Joh: É chato.

5-Gus: Coloca aí.

6-Joh: É chato.

7-Gus: É gostoso, é legal.

8-Wel: É de luta, é legal.

9-Pro: Então, tem esse aqui que é continuação de um filme que nós não vimos.

Após os comentários de Joh e Gus, várias crianças se manifestaram falando baixinho com o colega do lado, portanto, não sendo possível o entendimento de suas falas. Até que Joh vê o filme Toy Store nas mãos de Luciene e diz baixinho ao mesmo tempo que ela:

10-Pro: É de luta Wel? É?

11-Joh: Põe Toy Store, põe Toy Store, põe Toy Store.

12-Pro: Então, tem esse aqui que é continuação de um filme que nós não vimos. Tem que ver o I né? Aí tem aqui, os Muppets conquistam Nova York, são os Muppets, vocês já conhecem eles?

Todos se manifestam ao mesmo tempo:

13-Joh: O Lu, eu tenho esse, eu tenho esse.

14-Pro: Tá.

15-Viv: Eu tenho, eu adoro...

16-Pro: E o outro filme é o Toy Store.

17-Joh: Ebá! Eu quero.

2 - Votação / Resultado da votação:

18-Pro: A gente vai fazer uma votação prá ver qual desses filmes nós vamos ver agora, tá? Então vamô lá: éééé, qual que foi o primeiro, ah, Pocahontas, quem quer, levanta a mão. Um, dois, três, quatro, cinco, seis. Viv, você pode marcar seis aí prá nós?

PS: É válido dizer que as crianças poderiam votar, não só em um filme, mas em quantos quisessem.

Enquanto a Luciene mostrava o filme e perguntava quem ia querer, as crianças se manifestam erguendo as mãos, e a Viv já está próxima à louca para marcar os números. Foram dois meninos e quatro meninas e depois mais um menino.

19-Wel: Sete comigo.

20-Viv: Ahã.

21-Pro: Então o Pocahontas é o primeiro, a Viv vai marcar o número seis lá.

22-Wel: Sete.

23-Pro: Seis.

24-Wel: Sete comigo.

25-Pro: Ah, com o Wel sete, então põe sete.

26-Wel: E oito com o Cai.

27-Pro: Não o Cai eu já tinha contado. Isso.

Depois que a Viv marca o número a votação continua.

28-Pro: Quem quer o Toy Store levanta a mão. Viv, você quer o Toy Store ou não?

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Viv faz não com a cabeça. A princípio, duas meninas erguem as mãos, mas assim que a professora começa a contar elas abaixam. Só erguem, realmente, as mãos três meninos. Até que um deles abaixa sua mão.

29-Pro: Então vamô lá. Um. Dio quer? Dois, três. Marca três prá mim aí Viv.

30-Joh: A não, eu não quero o Toy Store não.

Muitas crianças gritam então o número dois.

31-Pro: Dois então Viv. Ele tirou o... Quem quer os Cavaleiros do Zodíaco levanta a mão. Um, dois, você também quer? Três. Marca três aí, terceiro filme, três.

Os meninos se olham antes de erguerem as mãos e só três deles votam nos Cavaleiros do Zodíaco.

32-Pro: Quem quer esse aqui? Ah, esse aqui eu acho complicado porque nós não assistimos o número I.

33-Wel: Street Fighter Man.

34-Pro: Esse já é o número II, vai começar a história no meio.

Três meninos já estão com as mãos erguidas e Már, um deles, cutuca Reb e Joh que estão ao seu lado para também votarem no Street Fighter.

35-Wel: Street Fighter.

36-Pro: Tá Street Fighter II. Um, dois, três, qua... o Cai também quer, quatro. Então põe quatro aí, cinco com o Wil, é cinco.

No final da votação desse filme, apenas os meninos se manifestaram a favor.

37-Pro: Quem quer os Muppets, aqueles bonecos? Um, dois, três, quatro, cinco, põe cinco aí. Você também quer, então seis Viv.

Nesse filme votaram três meninos e três meninas. Acabada a votação todos olham para a lousa onde Viv havia marcado os números.

38-Joh: Empatô.

39-Wel: Empatô não.

40-Pro: Quem que ganhou? O primeiro né?

41-Joh: Aaa, eu não quero Lu.

42-Pro: O primeiro é o Pocahontas.

A maioria em uma só voz lamenta dizendo: aaaaaa..., enquanto os que votaram nesse filme comemoram: eeeee...

43-Pro: Vocês não querem o Pocahontas?

44-Joh, Gus e Már: Nããããoooooooo.

45-Reb e Mis: Sim, eu quero, queremos...

Todos se manifestaram entre quero e não quero.

46-Pro: Então eu não entendi nada. Porque vocês votaram no Pocahontas?

A professora enquanto diz isso já vai colocando a fita no vídeo.

47-Cai: Mas ganhô, mas ganhô, ganhô vai por!

48-Joh: Eu quero Toy Store.

49-Reb: É ganhô vai por, mesmo num querendo ou querendo. Já começou...
Vai por do mesmo jeito, já ganhou.

50-Pro: Mesmo não querendo, então vamos.

51-Mis: Aumenta Lu.

52-Pro: Então, depois a gente pode combinar um outro dia...

53-Joh: Toy Store, Toy Store.

54-Pro: ...prá assistir um outro, tá?

55-Os meninos: Aaaaa...

56-Pro: Então vamo lá, Pocahontas hoje, dexa voltá um pouquinho porque parece que já começou.

57-Reb: Não, dexa aí vai Lu. Aí é o comecinho.

58-Pro: É o comecinho? Pode deixar daqui?

59-Reb: É eu já assisti.

60-Todos: Pode.

3 - Início da transmissão do filme:

O filme então começa e as crianças passam a assisti-lo. Como algumas crianças sentaram em cima da mesa no fundo da sala a professora foi até lá orientá-las para que tomassem cuidado. E enquanto alguns alunos só prestavam atenção na TV, poucos faziam "tchauzinho" para a filmadora e outros conversavam, mas, pelo alto volume da TV, não foi possível entender suas conversas.

Reb, sentada bem à frente da TV, começa a explicar a seus colegas quem eram os personagens do filme, pois já havia assistido e conhecia a história. Dio e Wil sentados logo atrás ficam conversando sobre seus brinquedos e, principalmente, sobre o carrinho que Dio tem nas mãos.

Já havia se passado uns quinze minutos de filme, quando alguns alunos quiseram ir ao banheiro deixando a porta aberta ao saírem da sala, e por causa da claridade, as crianças se manifestavam pedindo para que fechassem a porta, mas sem fazer barulho. E a professora pedia às meninas do fundo para que fizessem menos barulho.

61-Pro: Psiu! Tá atrapalhando!

62-Car: Fecha a porta e não bate. Não bate!

A professora sai da sala para saber o que alguns alunos tanto faziam lá fora. Mal ela saiu...

63-Car: O Lu, eu vô i lá fora.

Car sai da sala e logo volta, enquanto Dio e Wil continuam conversando sobre o carrinho.

Alguns fizeram bagunça no fundo da classe e a professora pediu silêncio dizendo que estavam incomodando os que queriam assistir o filme. Quando o barulho era muito as crianças mais interessadas pediam silêncio fazendo:

64-Crianças: Psiiuuu...

Reb volta a explicar a história aos colegas. Ela e Car assistem, conversam e riem juntos. Permanecem atentos ao filme.

Passados mais de vinte minutos de filme, várias crianças trocaram de lugar, algumas ficaram conversando e brincando com os colegas que também não estavam muito interessados.

Gis se aproxima da professora diz alguma coisa e vai com Tif até o canto da leitura e ficam, deitadas no chão, brincando de algo que não conseguiu identificar pela distância e pelo barulho.

Dio e Wil mexem agora numa pasta. Fel desce da mesa e vai até as duas meninas no canto da leitura, lhes diz algo e volta ao seu lugar enquanto Fer brinca com Mar.

4 - Movimentos de identificação das crianças com os personagens:

Já havia se passado uns vinte e sete minutos de filme quando Reb e Car, sentados bem perto da televisão, continuam a conversar e se manifestam num faz-de-conta de atribuições de papéis dos personagens do próprio filme.

65-Car: Aquele lá. Ah, esse daí eu sou, esse daí eu sou.

Car levantou, foi até a televisão e apontou com o dedo o personagem que dizia ser.

66-Reb: Ah!

67-Joh: É o Már.

68-Reb: O nome dele é John Smith.

Car levanta novamente, aponta o personagem e olhando para os amigos diz:

69-Car: Eu sou o Már, eeeeu sou esse.

70-Joh: É o Már.

71-Reb: É o John Smith.

72-Már: Eu sou esse daí.

73-Reb: Ele é o John Smith.

74-Joh: Ele é o Már... Cadê a Tina?

75-Car: E, eu que sou esse.

Car diz levantando o corpo e apontando para a TV.

76-Joh: É o Már.

77-Car: É nós dois então.

Car diz isso apontando para si próprio e para o colega em movimentos de vai e vem.

78-Car: Então é eu também.

Joh e Már não parecem muito preocupados com Car ou fazem de conta não estarem se importando com ele e, mantém uma conversa que não é possível de ser entendida, pois, além de falarem baixo, o som da TV não permitia um melhor entendimento, mas é possível identificar o nome Tina sendo falado várias vezes por Joh.

Passado menos de quinze segundos dessa última fala de Car ele se levanta e novamente aponta para o personagem que diz ser ele:

79-Car: Eu sou esse.

Ao mesmo tempo Joh em conversa paralela com Már diz bem baixinho:

80-Joh: Daqui a pouco vai aparecer a Tina.

81-Joh: A Tina aí, a Tina.

82-Reb: Eu tenho uma amiga que parece com ela.

Depois disso, as crianças param um pouco de falar, eu então, aproveito para mudar de lugar a fim de tentar focalizá-los melhor e manter alguma conversa com Reb e Car, que pareciam estar mais entretidos com o filme que Már e Joh, pois, aparentemente, conversavam e riam sobre outra coisa. Car continuava a dizer quem era:

83-Car: Esse daí Már.

84-Joh: Não, o Már ficou falando com a Tina.

85-Car: Não eu sou esse daí ô.

Car olha para a filmadora e faz careta enquanto Joh diz algo que não é possível entender e Már ri.

86-Car: Eu sou esse daqui Már. Már, Már.

Eu tento então manter um diálogo com Reb e Car.

87-Luc: Quem que você é Reb?

88-Reb: A Pocahontas.

89-Luc: E Você?

Car sorrindo se levanta e coloca o dedo na televisão.

90-Car: Esse daqui.

91-Luc: Como é que ele chama?

92-Car: Esqueci.

93-Luc: É o namorado dela? É?

Faço essa pergunta para os dois e Reb responde afirmativo com a cabeça e volta a olhar à TV. Car olha para Reb e diz:

94-Car: Olha, ó aí ela filmano você.

95-Luc: Por que que você quer ser ele Car?

96-Car: Hã?

97-Luc: Porque você quer ser ele?

98-Car: Porque é mais legal.

99-Luc: Porque que ele é mais legal, fala prá mim. Fala prá mim.

100-Car: Num sei.

101-Luc: Ah, mas se você quer ser ele é porque alguma coisa de diferente ele tem.

102-Reb: É porque ele acha ele mais bonito.

103-Luc: Só por isso?

Car só faz que sim com a cabeça.

104-Luc: Ou por que ele é mais corajoso, ele é mais forte?

105-Reb: Não.

106-Car: Por causa disso.

107-Reb: Tem o Índio que é mais forte do que ele.

108-Luc: É? Então por que você não quer ser o Índio?

109-Car: Porque o Índio é feio.

110-Luc: Ah, só por isso?

111-Reb: O Índio não é feio.

Enquanto Reb e Car conversavam comigo não estavam olhando para a TV, e alguma criança pede para que a professora vá ver o que havia acontecido com o filme, pois a imagem não estava mais nítida; ela então se aproxima da TV:

5 - Quebra da TV e tentativa de conserto:

112-Pro: O que que aconteceu? Alguém bateu no fio?

Enquanto tenta arrumar a televisão...

113-Már: Luciene.

114-Pro: Oi.

115-Már: Luciene, põe Street Fighter? Street Fighter?

Joh mexe com Már dizendo:

116-Joh: Toy Store, Toy Store.

117-Luc: Street Fighter você quer?

Gus e Joh ao mesmo tempo:

118-Gus: É.

119-Joh: Não, não.

Fel mexe com Luciene dizendo:

120-Fel: Toy Store, Toy Store, Toy Store.

121-Pro: Por que você quer o Fighter e não o Pocahontas? Por que você prefere o Fighter?

122-Reb: Porque tem história.

123-Luc: O Már, você já assistiu aquele outro? Você já assistiu?

Már só faz que sim com a cabeça.

124-Luc: E por que que é mais legal do que esse aí?

125-Fel: É porque só por causa que é de luta.

126-Luc: Só por que é de luta?

Fel faz que sim com a cabeça.

127-Már: Não é.

128-Luc: Mas você gosta?

Már faz sim com a cabeça e diz:

129-Már: Não é, não é por causa que é de luta.

130-Luc: Por que então?

131-Már: Por causa que é mais legal.

132-Luc: Por que é mais legal?

Wel diz algo que não é possível compreender e Már continua fazendo movimentos negativos com sua cabeça.

133-Már: Não é, não é.

134-Luc: Mas é legal, não é, ver de luta? Vocês não gostam? Hã? Não gosta?

Fiz essa pergunta na tentativa de buscar alguma resposta das próprias crianças relacionada com o tema violência, porém, as crianças envolvidas nesse momento ficaram quietas e foram ajudar a professora a arrumar a televisão. Mas de nada adiantou, até uma outra professora veio para tentar ajudar, porém não conseguiram fazer o aparelho voltar a funcionar. Daí então, algumas crianças voltaram a realizar suas atividades anteriores ao filme e a maioria ficou esperando para saber o que seria feito. A professora disse às crianças que a TV havia quebrado e que marcaria um outro dia para que pudessem assistir ao final desse filme ou um outro que escolhessem.

6 - Conversa com as crianças: ambiguidades e posicionamentos com relação ao tema violência:

135-Pro: Arruma essas cadeirinhas aí, vamos arrumar as cadeirinhas e sentar na roda que a Lucimeire quer conversar uma coisa com vocês.

As crianças, em sua maioria, sentam na roda com as caixas das fitas de vídeo e seus encartes nas mãos, eu então, me aproximo de um grupo de quatro garotos e na tentativa de iniciar uma conversa, pergunto?

136-Luc: Joh o que você tá vendo aí?

Eles olham para mim sem dizer nada, Wel apenas mostra a caixa da fita e Car põe a mão na frente dizendo:

137-Car: Não vai ver não, filma prá lá.

Mas como as crianças, de um modo geral, estavam conversando muito, a professora pediu silêncio para tentar iniciar uma conversa.

138-Pro: Um, dois, três... Quem ficou triste do filme não ter ido até o final?

Alguns gritam: eu.

139-Pro: Você tava gostando do filme Car?

Ele sorri e faz não com a cabeça.

140-Pro: ...ficou triste do filme ter acabado, mas ela nem "tchum" pô filme?

141-Fel: Quem?

142-Pro: Ela ficou fazendo bagunça...

143-Fel: Quem?

144-Pro: ...mudando de lugar... A Gi. Você não gostou do filme Gi?

Gis só faz que não com a cabeça.

145-Luc: Por que Gi que você não gostou?

146-Joh: Eu também não gostei.

147-Car: A bunda dela, aaa...

Car diz isso rindo apontando para Tif que estava brincando debaixo da mesa.

148-Pro: Tif senta na roda!

149-Car: Joga prá mim, o Tif!

150-Pro: Por que a Gi não gostou, o Gi?

151-Car: Porque ela é porca.

152-Gis: Porque é chato.

153-Pro: É chato? E qual filme você queria ter assistido?

154-Fel: Toy Store.

155-Joh: Nenhum.

156-Gis: Toy Store.

157-Pro: Toy Store? E por que...

Fer que estava com outros colegas, sentado na mesa, realizando suas tarefas, interrompe a fala da professora e gritando diz:

158-Fer: Eu também, Toy Store é super legal. Eu, minha mãe, meu pai já comprou, tem na minha casa, eu assisto quando eu quiser.

159-Luc: Por que que o Toy Store é tão legal assim? O que que tem de...

160-Fer: Porque eu, eu, eu, eu, eu, eu gosto mais é de, é de assistir desse daí do que os outros. É mais legal!

161-Luc: Mas Fer, por que que ele é mais legal? Que que tem de tão importante nele?

162-Fer: Ah, ah. Ah um segredo.

163-Luc: Ah, é segredo?

164-Fer: Só vô contá prá quem eu acreditá!

165-Joh: Eu, eu acredito.

Ao mesmo tempo que eu tento falar com Fel, Joh me chama insistentemente:

166-Joh: O Lu.

167-Luc: Fel, e você, por que que você também quer assistir o Toy Store?

168-Joh: O Lucimeire, o Lucimeire.

169-Luc: Oi.

170-Joh: Esse daí que tá com a tinta, com a cola azul, ele tá namorando com a Tina.

171-Pro: Quem é a Tina? É, é do filme?

172-Joh: Não, é daquela, é daquela classe.

173-Pro: Ah, mas agora a gente não tá falando de namoro, a gente tá falando do filme.

174-Luc: Fala Fel, por que que você queria o Toy Store?

175-Fel: Porque eu fui lá na casa da minha prima e assisti, e eu achei mais legal.

176-Luc: E por que que ele é mais legal? O que que acontece nele que ele é tão legal assim?

177-Fel: Sei lá!

178-Luc: Ele é divertido?

Fel só faz que sim com a cabeça.

Fel interrompe novamente suas atividades e diz:

179-Fel: Ó, é que tem uma parte que eu mais gosto.

180-Luc: Que parte que é?

181-Fel: É que os dois quando cai no (*incompreensível*) o ET, o ET tá controlando, o, o, o Cowboy acende o fósforo e o foguete vai em cima, o ET, é, o Robô, é, tira a asa e depois voa pro carro. Descimento, descimento delical.

182-Luc: Acho que vocês gostam mais dele que ele é mais divertido, não é, não? É cheio de aventura, cheio de ação, por isso que vocês gostam, né?

183-Fel: É.

184-Fel: É.

185-Luc: Esse filme aí é meio parado, não é? Muita história.

186-Fel: Não tem muita graça, não.

Logo depois dessa fala, Fer volta a fazer suas tarefas e permanece em silêncio.

187-Luc: Muita história, né?

188-Pro: Agora o Gus e o Már queriam ver qual filme?

189-Wel: Street Fighter?

190-Pro: Hã?

191-Wel: Street Fighter?

192-Pro: E por quê? Você acha o Street Fighter mais gostoso, mais legal?

193-Joh: Ah, tem luta.

194-Már: É.

195-Joh: Porque tem luta.

196-Pro: E por que é mais legal?

Már que está sentado ao lado de Fer vira para a professora afirmando que prefere o filme Street Fighter.

197-Már: Street Fighter.

198-Pro: Mas por que que é mais legal?

199-Fer: Toy Store, Toy Store...

200-Pro: O Fer, eu fiz uma pergunta pro Már.

201-Joh: Eu sei por que, eu sei por que.

202-Pro: Hein Már, hein Gus, por que que é mais legal?

Gus sentado ao chão olha para Már que está fazendo suas tarefas na mesa, mas nenhum dos dois se manifesta, enquanto Joh:

203-Joh: Porque tem luta, tem luta.

Aí então, me dirijo para Joh e pergunto:

204-Luc: E vocês gostam de assistir luta na televisão?

205-Joh: Odeioooo... Deixa a gente nervoso!

206-Wil: Eu odeio, eu odeio.

207-Luc: O que que tem Joh?

208-Joh: Deixa a gente bravo. Eu odeio.

209-Luc: Você fica bravo quando você assiste luta?

210-Joh: É! Aqueles véio lá num, que num, que num... esqueci, como que é? Num chega em lugar nenhum prá luta.

211-Pro: Olha prá Lu, você tá falando com ela, olha prá ela.

212-Luc: Não precisa ter vergonha.

213-Joh: Não chega em lugar nenhum.

214-Dio: Eu assisto todo dia.

215-Pro: Você assiste filme de luta, Dio?

216-Dio: Assistto.

217-Luc: Quem gosta de filme de luta?

Quatro meninos que estavam sentados no chão, na roda, perto do Joh, ergueram suas mãos, enquanto cinco meninos que estavam sentados na mesa, recortando e colando, não se manifestaram; Reb que também trabalhava sozinha numa outra mesa, permanece quieta, e cinco meninas da roda não ergueram as mãos. Alguns alunos já haviam ido embora.

218-Gus: Eu gosto de terror.

219-Luc: De terror?

220-Wel: Eu também!

221-Luc: E as meninas não gostam de filme de luta?

Em coro elas responderam não.

222-Dio: Ô Lu, ô Lu, eu também gosto de uma fita que, que o meu irmão alugo: Fred Guguer.

223-Joh: Fred Kruger.

224-Pro: Fred Guguer? E é de terror?

225-Dio: Éééé...

226-Jés: Lu, eu queria Toy Store.

227-Pro: Você queria Toy Store? É?

228-Luc: Deixa eu perguntar uma coisa. Vocês assistem desenho animado quando vocês estão em casa?

229-Joh: Siiiiimm...

Márcio lá da mesa ergue a mão.

230-Luc: Mas o desenho animado que vocês assistem também é de luta ou não?

Várias crianças responderam, ao mesmo tempo, que não. Gus fez não com sua cabeça, mas assim que comecei a desviar a filmadora para outras crianças ele começou a fazer que sim com a cabeça dando risada.

231-Fer: Eu gosto é de coisa de morte...

232-Wel: Eu gosto do Homem Aranha.

233-Fer: ...de luta, que um mata o outro que é mais legal.

234-Wel: Eu gosto do Homem Aranha.

235-Luc: Por que que é mais legal?

236-Dio: Eu tenho medo.

237-Luc: Fer, por que você gosta de tanta violência assim?

238-Fer: Ah, porque eu sou violento, na minha casa, com meu irmão.

239-Luc: Verdade? Você bate nele?

240-Fer: A bato. É, é, é eu sou violento na, na minha casa, é, em um montão de lugar. É quando é, é, é, é eu sou violento com todo mundo que mexe comigo quando eu tô fazendo coisa quieto.

241-Pro: Ah, eu não acho. O Fer, mas você não bate em ninguém aqui na escola.

242-Fer: Mas na escola eu não bato porque, porque eu não assisto, né?

243-Luc: O Fer.

244-Fer: Que que foi agora?

245-Luc: O Fer, então você só bate quando você assiste desenho?

246-Fer: Não é desenho, é filme.

247-Luc: Um filme. Então quando você assiste o filme, que você fica violento e começa a bater?

248-Fer: É.

249-Luc: Então aqui você não bate, porque você não assiste filme?

250-Fer: É.

251-Luc: Então se a gente puser um filme violento você vai sair batendo em todo mundo?

252-Fer: Não, vou sair quebrando, vou sair quebrando é tudo daqui. Vou, vou, vou sair é, é, é, quebrando...

253-Joh: Parede, mordendo os outros.

254-Fer: ...jogo, quebrando cadeira, quebrando osso de gente, quebrando televisão...

255-Joh: Uh, poderoso.

256-Fer: ...dos outros, quebrando cabeça dos outros.

257-Joh: Eu, eu gosto de filme de aventura que nem do Indiana Jones.

258-Pro: Sabe o que que a Gi veio falar no meu ouvido? Que a Tif gosta de ver sangue nos filmes. É verdade, Tif? É?

Tif que estava sentada no meio da roda, sai para o lado fazendo sim com a cabeça sem olhar para ninguém e se senta do lado de Viv que se afasta dizendo ao mesmo tempo que dois colegas:

259-Car: Eu adoro!

260-Dio: Eu também.

261-Viv: Aiiii.

262-Joh: Filme que até o homem morto, o homem morto, mas deixou a pinga na mão.

263-Luc: Viu o que que vocês acham então, viu Fer, meninos aí, então o que vocês acham da próxima vez que eu vier, eu trazer um filme desses, bem de sangue, bem de violência, aí vocês vão gostar?

Joh se manifesta contrariamente, enquanto Dio e Wil vibram positivamente e toda a classe se manifesta aos gritos. Até que Fer se levanta, vai para um lado da sala, e com as mãos para cima diz:

264-Fer: Cala a boca! Eu acho uma coisa melhor. Traz coisas de terror, violência...

E, esfrega uma mão na outra várias vezes, bate em uma das suas próprias mãos, dizendo:

265-Fer: ...eu vou, eu vou, eu vou bater em todo mundo...

Abre seus braços simbolizando o "todo mundo" e continua falando, mas agora, apontando para cada um de seus colegas:

266-Fer: ...vou bater, é, vou bater no Joh, vou bater no Gus...

267-Joh: Traz coisa de mulher pelada!

268-Fer: ...vou bater no Már, vou bater no Wil, vou bater até nas meninas, vou bater em todo mundo.

269-Viv: Duvido.

Quando Viv fala "duvido", mais meninas começam a gritar com ela num só coro, e Fer repete como quem está gozando-as, mas logo pára, pois, todas as garotas gritam insistentemente:

270-Meninas: Duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido.

Joh e Gus, sentados lado a lado, riem e insistem na idéia de trazer filmes com mulheres nuas:

271-Joh: Traz filme de mulher pelada, traz filme de mulher pelada!

Fer fica ouvindo as meninas gritarem e após dizer algumas palavras volta a realizar suas atividades:

272-Fer: Quem duvidar vai levar um soco no meio da cara.

As meninas continuam gritando "duvido" até que a professora interrompe para dizer algo:

273-Pro: Ó, espera aí, espera aí, espera aí, espera aí. O Joh tá falando que ele quer outro tipo de filme.

274-Car: De mulher pelada.

275-Joh: É. De mulher pelada.

Joh mesmo envergonhado afirma o tipo de filme que quer ver e a classe toda ri muito.

276-Pro: Viu, você assiste filme de mulher pelada, Joh?

277-Joh: Às vezes eu assisto.

278-Pro: Aonde? Em casa?

279-Joh: No cinema. Eu fui lá pegar uma fita tinha uma mulher assim, ó. Eu tenho, eu tenho... apertando assim.

Enquanto fala, fica imitando algumas posições e gracejos das mulheres que viu e a classe toda dá risada.

280-Pro: E quem te levou para assistir?

281-Joh: Foi uma fita que eu falei pô meu pai pegar.

282-Pro: E seu pai pegou?

283-Joh: Ah, se não tivesse a sua mãe, eu pegava.

Joh diz isso tentando imitar seu pai. E na tentativa de voltar à conversa anterior e instigar Fer a falar mais, interrompi o que Joh dizia e falei:

284-Luc: Viu meninas, viu meninas, o Fer falou que ele vai bater em todo mundo, né? Então, vamos fazer assim, ó: a próxima vez que eu vier, eu trago um filme bem violento, bem violento prá gente ver se ele vai sair batendo em todo mundo mesmo...

Fer levantou-se, aproximou-se mais da roda e disse ao mesmo tempo que as meninas que, em coro, gritavam:

285-Meninas: É, é, é, é.

286-Fer: É, vou mesmo.

287-Meninas: Duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido, duvido...

7 - Relações de poder: condições e contradições:

Enquanto as meninas gritavam "duvido" e agitavam-se muito, Joh, Car e Dio liderados por Gus, levantaram-se e foram até onde Fer estava e começaram a empurrá-lo e desafiá-lo, dando leves socos como que chamando-o para brigar, testando sua reação. Mas Fer foi indo para o canto, acobado pela reação dos colegas agressores, rindo e dizendo algumas palavras incompreensíveis, até que Wil cercou-o pelo outro lado e lhe deu um soco que pareceu ter machucado. E os colegas sentados na mesa mal olharam para ver o que acontecia. A professora, então, diante dessa cena, levantou-se e foi até eles pedir para que parassem:

288-Pro: O gente, é melhor parar que o Fer tá ficando chateado.

289-Fer: Eu tô ficando bravo é com, com, com, com os dois aí belezinha.

Fer diz isso apontando para Joh e Gus. Os meninos então se afastam de Fer mas fazem de conta estarem brigando entre eles até que Joh diz:

290-Joh: Eu tô ficando meio bixa, hein.

291-Viv: Tá virando menininha.

292-Luc: O Gus, então você também gosta de filme violento, né?

Brincando com um bambolê Gus só faz que sim com a cabeça.

293-Luc: Por que que você gosta, Gu?

294-Gus: Porque sim.

Nesse momento, os meninos que estavam na mesa com Fer continuaram a fazer suas atividades sem se incomodarem, Reb permanecia sentada num canto recortando e colando figuras, as meninas sentadas na roda começaram a brincar e os meninos agressores brincavam, riam e falavam alto. Como já estava quase no horário de irem para casa, a professora deixou-os brincarem à vontade até seus pais virem buscá-los. A filmagem, então, terminou neste instante.